

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE (UNICENTRO)
CAMPUS IRATI
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE TURISMO-DETUR

RODRIGO KIATKOSKI KAMINSKI

**PROPOSTA DE PERCURSO PARA EXPEDIÇÃO DE CICLOTURISMO NA
REGIÃO DAS CACHOEIRAS EM PRUDENTÓPOLIS-PR**

IRATI
2013

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE (UNICENTRO)
CAMPUS IRATI
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE TURISMO-DETUR

RODRIGO KIATKOSKI KAMINSKI

**PROPOSTA DE PERCURSO PARA EXPEDIÇÃO DE CICLOTURISMO NA
REGIÃO DAS CACHOEIRAS EM PRUDENTÓPOLIS-PR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Bacharelado em
Turismo, Setor de Sociais Aplicadas da
Universidade Estadual do Centro-Oeste
(UNICENTRO) no Campus de Irati - PR.

Orientador: Ms. Pedro Henrique Sanches

IRATI
2013

Aos meus pais Paulo e Neide

À minha irmã Renata

À meus avós e familiares

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, todos os familiares e amigos, em especial Ricardo Luis Barby que sempre me incentivaram

Ao Professor Ms. Pedro Henrique Sanches pela orientação neste trabalho e em outros trabalhos durante a graduação

Aos Professores Ms. Maycon Luiz Tchmolo e Ms. Andreza Rocha de Freitas pela contribuição através da participação na qualificação e defesa deste Trabalho de Conclusão de Curso

Ao Professor Ms. Ronaldo Maganhotto e ao proprietário da Reserva Particular do Patrimônio Natural e Parque de Aventuras Ninho do Corvo Sr. Márcio Canto de Miranda, como todos os funcionários da RPPN pela contribuição neste trabalho por meio de material fornecido e atenção disponibilizada

Aos Professores Ms. Paula Grechinski, Ms. Eliete Fátima de Goveia e Ms. Ângela Lara pela amizade e ensinamentos durante os anos de graduação

À Professora Dra. Poliana Fabíula Cardozo pela orientação no desenvolvimento da pesquisa

Aos demais Professores do Departamento de Turismo (DETUR) pelos ensinamentos e incentivos durante a vida acadêmica

À todos os demais funcionários e colaboradores da Unicentro

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como tema o cicloturismo, uma atividade na qual o participante percorre rodovias, estradas rurais e trilhas utilizando a bicicleta como meio de transporte, fazendo uso de planilhas informativas e mapas, que os guiarão até atrativos preestabelecidos por uma organização. O presente trabalho apresenta uma análise do potencial para a implantação de percursos de cicloturismo no entorno da RPPN Ninho do Corvo. Para isso, foi utilizada uma metodologia apoiada em pesquisa bibliográfica relacionando o turismo alternativo, ecoturismo e o turismo de aventura com o cicloturismo, como também o geoprocessamento utilizando dados obtidos por GPS e Google Maps. Com base nessa metodologia, apresenta-se um percurso na região Sudeste do estado do Paraná, no município de Prudentópolis, o percurso RPPN Ninho do Corvo – Salto São Sebastião.

Palavras-chave: Ecoturismo; Turismo de Aventura; Planejamento; Cicloturismo

ABSTRACT

The theme this monography is the cycle tourism, an activity in which the participant goes through highways, rural roads and trails using the bicycle as its means of transportation, utilizing informative spread sheets and maps that will guide the tourist to attractive places which were pre-settled by an organization. The current paper presents an analysis of the potential for the implementation of cycle tourism routes around the Ninho do Corvo's Particular Reservation of Natural Patrimony (PRNP). To perform this goal, it was used a methodology based on a bibliographic research relating alternative tourism, ecotourism and adventure tourism with the cycle tourism, combined with geoprocessing made with data obtained with the use of GPS and Google Maps information. With basis in this methodology, it is presented a cycle tourism route in the Southeast region of the state of Paraná, Brazil, in the city of Prudentópolis: Ninho do Corvo's PRNP route – Saint Sebastian Fall.

Keywords: Ecotourism; Adventure Tourism; Planning; Cycle Tourism

LISTA DE IMAGENS

Quadro 1– Objetivos básicos da Política Nacional de Ecoturismo.....	21
Quadro 2 – Princípios do Ecoturismo	22
Quadro 3 – Critérios do Ecoturismo.....	23
Quadro 4– Possíveis influências e resultados causados pela atividade turística	24
Quadro 5 – Impactos positivos X impactos negativos	25
Quadro 6 – Relação entre quantidade de condutores por clientes em operações sem veículo de apoio	31
Quadro 7 – Descrição do percurso RPPN Ninho do Corvo - Salto São Sebastião....	45
Figura 1 – Cartograma de parte do percurso do Timbó – Pomerode/ SC, Circuito Europeu	35
Figura 2 - Planilha do percurso Timbó Pomerode/SC	36
Figura 3– localização do município de Prudentópolis-PR	40
Figura 4 – Região onde desenvolvido o presente trabalho	43
Figura 5 - Objeto de Estudo	44
Figura 6 - Mapeamento com marcadores de distância a cada 1000m - percurso de cicloturismo da RPPN Ninho do Corvo - Salto São Sebastião - Prudentópolis-PR, sendo o ponto inicial e final a RPPN.....	46
Figura 7 - Estrada rural com morros - Percurso de cicloturismo da RPPN Ninho do Corvo - Salto São Sebastião - Prudentópolis-PR	46
Figura 8 - Vista do topo de morro e reflorestamento de Pinnus sp - Percurso de cicloturismo.....	47
Figura 9 - Lavouras - Percurso de cicloturismo RPPN Ninho do Corvo - Salto São Sebastião - Prudentópolis-PR.....	47
Figura 10 - - Criações de animais em sistema de faxinal - Percurso de cicloturismo da.....	48
Figura 11 - Salto Mlot visualizado do topo do Salto São Sebastião.....	49
Figura 12 - - Salto Salto São Sebastião.....	50

Figura 13 - imagem feita de dentro da caverna localizada acima do Salto São Sebastião.....	50
Figura 14- - Trilha de acesso ao topo do Salto São Sebastião - Prudentópolis-PR ..	51
Figura 15 - Igreja Transfiguração de Nosso Senhor Jesus Cristo- Percurso de cicloturismo da RPPN Ninho do Corvo - Salto São Sebastião - Prudentópolis-PR ...	52
Figura 16 Trilha de chegada a RPPN - Pedras escorregadias - Percurso de cicloturismo da RPPN Ninho do Corvo - Salto São Sebastião - Prudentópolis-PR - área de risco.....	53
Figura 17Gráfico da variação altimétrica do percurso de cicloturismo - RPPN Ninho do Corvo – Salto São Sebastião – RPPN Ninho do Corvo – Prudentópolis - PR	54
Figura 18 Trilha final do percurso de cicloturismo, chegada a RPPN Ninho do Corvo	55
Figura 19 Pedras escorregadias- área de risco - Percurso de cicloturismo da RPPN Ninho do Corvo - Salto São Sebastião - Prudentópolis-PR - Trilha de chegada a RPPN.....	56
Figura 20 ponto com lama devido a passagem de veículosautomotores localizado entre os pontos 6 e 8 da figura 6, considerado - área de risco	56

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABETA – Associação Brasileira de Empresas de Esporte de Aventura

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo

GPS – Global Positioning System (Sistema de posicionamento Global)

MICT – Ministério da Indústria, Comércio e Turismo

MMA – Ministério do Meio Ambiente e Recursos Hídricos da Amazônia Legal

RPPN – Reserva Particular do Patrimônio Natural

SIG – Sistema de Informações Geográficas

IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 OBJETIVOS	13
2.1 OBJETIVO GERAL.....	13
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	13
3 METODOLOGIA DA PESQUISA	14
4 ATIVIDADE TURÍSTICA: Turismo Alternativo, Ecoturismo, Turismo de Aventura e Cicloturismo	16
4.1 TURISMO ALTERNATIVO.....	18
4.2 ECOTURISMO.....	20
4.3 TURISMO DE AVENTURA.....	26
4.4 CICLOTURISMO.....	28
4.4.1 Requisitos Necessários para Implantação do Cicloturismo.....	30
4.5 PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES CICLOTURÍSTICAS.....	33
4.5.1 Cartografia.....	33
4.5.2 Geoprocessamento e o turismo.....	37
5 CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO	40
5.1 MUNICÍPIO DE PRUDENTÓPOLIS – PR.....	40
5.2 ZONA RURAL DO MUNICÍPIO DE PRUDENTÓPOLIS.....	41
6 RESULTADOS OBTIDOS	43
6.1 ROTEIRO de CICLOTURISMO RPPN NINHO DO CORVO – SALTO SÃO SEBASTIÃO.....	43
6.1.1 Características do percurso.....	46
6.1.2 Grau de dificuldade.....	52
6.1.3 Dificuldade técnica.....	53

6.1.4 Áreas de risco.....	55
6.1.5 Início e término.....	57
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	58
8 REFERÊNCIAS.....	60

1 INTRODUÇÃO

O turismo pode ser definido como uma atividade socioeconômica, que em geral é movimentada pelo deslocamento de pessoas ou grupos para destinos que não o lugar de sua residência e\ou trabalho, onde as atividades realizadas durante a estada nesses destinos sirvam como elementos motivadores da viagem, sejam eles, o lazer, negócios ou outros.

Segundo Ruschmann (1997 p.19) “a inter-relação entre o turismo e o meio ambiente é incontestável, uma vez que este último constitui a “matéria prima” (Grifo da autora) da atividade”. A autora também afirma que o turismo não está caracterizado por um bom relacionamento com o meio ambiente. Sendo assim, concluir-se que, o turismo é uma atividade econômica que engloba, prestações de serviços como transporte, alojamento, alimentação na qual o turista utiliza quando realiza viagens com fins de lazer, devendo ser observado a fragilidade do meio envolvido, visando minimizar ao máximo os impactos negativos causados pelo turismo.

O presente trabalho refere-se à atividade de cicloturismo, justificado não apenas ao potencial, mas a intenção de diversificar as atividades turísticas desenvolvidas no entorno da região de Prudentópolis, explorando o cicloturismo, como uma alternativa para impulsionar a atividade turística, coordená-la e integrá-la ao conjunto macroeconômico da região.

Segundo Roldan (2000), o cicloturismo caracteriza-se por qualquer tipo de viagem utilizando a bicicleta, sem caráter de competição, ou seja, para lazer e prática esportiva, podendo ter dias de duração, tendo como principal objetivo conhecer lugares.

Essa pesquisa buscou avaliar, a possibilidade da implementação de atividades de cicloturismo na região dos Saltos São Sebastião e Mlot no município de Prudentópolis, permitindo que locais considerados atrativos possam ser visitados de maneira menos impactante ao ambiente, e por meio da atividade, trazer benefícios socioambientais e econômicos à comunidade onde implementado, propiciando atividades físicas de maneira saudável aos turistas.

A fim de alcançar as ações propostas neste trabalho, foram sugeridas também, adaptações técnicas, como a utilização de trilhas secundárias da região para a realização de tal prática, como também, promover a identificação das trilhas

para elaboração dos mapas e indicações de trajetos, que serão colocados em pontos estratégicos das mesmas, assim como, estabelecer pontos de interesse na trilha para os cicloturistas como, localização de pontos estratégicos dos atrativos/estruturas, distância entre os próximos pontos e observações gerais.

O problema abordado neste trabalho é se:

Há potencialidade para cicloturismo no entorno do Município de Prudentópolis-Pr?

Espera-se que essa pesquisa possa vir a auxiliar para a implantação de uma nova modalidade de turismo na região, fomentando a visitação em áreas naturais pouco exploradas, causando o mínimo impacto possível e incentivando participantes a praticar atividades físicas com utilização da bicicleta em meio ao conjunto paisagístico da região.

Observando a busca por atividades físicas, assim como, o aumento de ecoturistas no Brasil, cada vez mais estão sendo usadas bicicletas em trilhas e passeios, justificado por ser um meio de transporte de baixo impacto ao meio ambiente, mas de grande versatilidade, qualidade esta que permite que o ciclista conquiste um território maior, em menor tempo.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Avaliar a possibilidade de implementação responsável de atividades de cicloturismo na região das cachoeiras em Prudentópolis-Pr.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Propor adaptações técnicas, como a utilização de trilhas secundárias na região para realização de tal prática;
- Identificar trilhas para elaboração dos mapas e indicações de trajeto, para inserção em pontos estratégicos do percurso;
- Estabelecer pontos de interesse nas trilhas, para o cicloturista, como localização de pontos estratégicos dos atrativos/ estruturas, distâncias entre os próximos pontos e/ou locais visitados e observações gerais.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Inicialmente foi efetuada uma pesquisa bibliográfica apoiada em revisão da literatura, conceituando os elementos ligados ao turismo, turismo alternativo, ecoturismo, cicloturismo, georeferenciamento do turismo, planejamento do turismo, entre outros.

Para cumprir os objetivos propostos, foi realizada uma pesquisa qualitativa baseada em levantamentos de caráter exploratório, pesquisa documental e bibliográfica sobre as áreas em estudo. Além de, entrevista com os proprietários dos terrenos onde o cicloturismo está incluído, com intuito de identificar as possibilidades de aceitação por parte dos mesmos para implantação do projeto nas áreas particulares.

Outra pesquisa realizada foi sobre os requisitos necessários para a implantação da atividade de cicloturismo em uma região, atendendo aos critérios de segurança apresentados nas normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) e ABETA (Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura).

Como pesquisa de natureza qualitativa com caráter descritivo¹, a metodologia aplicada na região, foi o levantamento das informações referentes à topografia dos percursos, imagens ilustrativas para caracterização dos atrativos mais relevantes e as informações de elementos de infraestrutura.

Com o auxílio do *Global Positioning System* (GPS) foi possível identificar alguns pontos atrativos encontrados do percurso durante trabalho de campo, identificar a malha viária e as variações topográficas, assim como o programa *Google Maps* e auxílio do aplicativo *Minhas Trilhas* que possibilitou a formulação de um gráfico topográfico.

A pesquisa de campo foi realizada com o intuito de definir o circuito e classificando em graus de dificuldade, registrar imagens do percurso, além de,

¹ Pesquisa qualitativa: considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem (SILVA, 2001; MENEZES, 2001, p.20)

identificar os locais que se caracterizam como áreas de risco potencial, pontos de interesse com caráter paisagístico, ou seja, atrativos à visita.

Nas saídas de campo foi utilizada uma bicicleta, assim como também o automóvel como meio de condução, a fim de, executar o percurso que foi oferecido, e identificar para que seja facilmente autoguiado. Com base em dados levantados nas visitas de campo foi possível realizar a identificação das estradas rurais e principais locais com características típicas do meio rural que possam servir de referência para o percurso.

Fazendo uso dos temas já citados, buscou-se avaliar a possibilidade de implementação responsável de atividades de cicloturismo na região das cachoeiras em Prudentópolis, permitindo que locais considerados atrativos possam ser visitados de maneira menos impactante ao ambiente, e por meio da atividade, trazer benefícios socioambientais e econômicos a comunidade onde implementado, propiciando atividades físicas de maneira saudável aos turistas.

4 ATIVIDADE TURÍSTICA: Turismo Alternativo, Ecoturismo, Turismo de Aventura e Cicloturismo

O turismo pode movimentar a economia da região ou comunidade onde planejado, empregando os residentes em atividades turísticas sejam elas motivadas pelo esporte, lazer, negócios ou outros atrativos que sirvam de estímulo para pessoas e/ou grupos à visitarem o local, aumentando a renda e a qualidade de vida dos moradores.

De acordo com Oliveira (2003, p. 50) “o turismo é uma grande atividade produtora de riquezas e aparece em todo o mundo como um dos mais importantes segmentos geradores de empregos e postos de trabalho”.

A realidade urbana com a qual as pessoas estão vivendo, com o estresse e poluição encontrada nos grandes centros, faz com que o turista procure novas atividades, muitas vezes em contato com a natureza.

Para Ruschmann (1997), o turismo utiliza o meio ambiente como matéria prima para que a atividade turística possa acontecer principalmente no meio natural, a autora ainda afirma que, as condições de vida dos grandes centros urbanos faz com que o fluxo de pessoas cada vez maior procure ambientes naturais para fugir do cotidiano, atentando para a importância do planejamento turístico, mantendo um bom relacionamento entre o turista e o meio ambiente.

O espaço abordado por este trabalho é caracterizado como ambientes naturais, as áreas que possuam características típicas do meio rural, que possuam pequenas ou grandes áreas naturais, estradas de terra, criações de animais, presença de animais selvagens, ou seja, áreas onde ocorreram pouca interferência urbana.

Visto que, embora o turismo de massa continue crescendo, o turismo alternativo vem ganhando notoriedade nas últimas décadas. Esta forma de turismo é praticada por pessoas que se preocupam com as experiências vividas durante a viagem, muitas vezes, realizadas em áreas naturais preservadas, onde os impactos ambientais precisam ser cuidadosamente observados e monitorados.

O objetivo dos praticantes do turismo alternativo além da contemplação da natureza, é a busca pela convivência com a comunidade, estabelecendo relações com os locais visitados, buscando conviver em harmonia com o meio ambiente.

O termo ecoturismo, “passou a ser associado de modo mais específico com um tipo de turismo alternativo, onde os turistas realizam os seus entretenimentos engajados numa perspectiva ecológico-cultural”(CÂNDIDO 2003, p.145). Ruschmann (2003) complementa que, atualmente muitas pessoas estão em busca do turismo em áreas verdes, e o principal interesse se configura geralmente na fuga do cotidiano agitado dentro dos grandes centros urbanos, buscando lugares tranquilos e que permitam o contato direto com a natureza.

O ecoturismo é uma viagem responsável para áreas naturais e, deve seguir alguns princípios, afim de, minimizar os impactos negativos, maximizando os positivos, desenvolver a consciência, o respeito ambiental e cultural, favorecendo experiências entre visitante e os anfitriões, fornecendo benefícios financeiros e poder legal de decisão para o povo local.

Observa-se que, dentro do ecoturismo é realizada a prática de atividades consideradas como turismo de aventura, pois, correspondente a pessoas ou grupos de turistas cujo atrativo principal para a realização da visita é a prática de atividades de aventura de caráter recreativo, que pode ser realizada em espaços naturais, construídos, rurais, urbanos, estabelecidos como áreas protegidas ou não.

Conforme Read (1980 *apud* FARAH, 2005) nos Estados Unidos o turismo de aventura é tido com uma grande variedade de atividades de aventura, que são comercializadas, promovendo a interação do turista com o meio natural, contendo elementos de risco em que o resultado é influenciado pelo participante, pelo local e pela gestão profissional da experiência dos turistas

O ecoturismo se desenvolve em ambientes naturais, considera-se o turismo de aventura como uma ferramenta dentro do segmento do ecoturismo, sendo abordado como objeto de estudo deste trabalho o cicloturismo, como uma modalidade de turismo de aventura, desenvolvida em áreas naturais e ou urbanas.

Cicloturismo é uma modalidade do turismo onde o turista percorre trajetos preestabelecidos com utilização de bicicleta para locomoção e possui caráter não competitivo, orienta-se por meio de mapas ou planilhas até chegar ao ponto desejado, obedecendo também alguns critérios para ser realizado de forma correta.

Assim o planejamento adequado no local em que o cicloturismo será implementado, visa identificar o grau de fragilidade dos ambientes, variáveis físicas como os solos a declividade e o uso do solo, fazendo uso do cruzamento das informações referentes, visando o desenvolvimento consciente da atividade turística.

Atividade de cicloturismo pode ser considerada como uma atividade de interpretação da natureza, podendo servir de facilitadores e enriquecedores para o desenvolvimento de diversos programas de educação ambiental, promovendo a integração das atividades ecoturísticas de recreação/lazer e as de conservação da natureza.

Este trabalho está fundamentado com os temas precitados que serviram como norte para seu desenvolvimento, conceituando os elementos do turismo ligados ao turismo alternativo, ecoturismo, turismo de aventura, cicloturismo, requisitos para implementação da atividade cicloturística, além da relevância de um bom planejamento turístico utilizando o georreferenciamento para que sejam melhor visualizadas as informações.

4.1 TURISMO ALTERNATIVO

Assuntos relacionados ao turismo, que utilizam a natureza como forma de obter o lazer, esportes ou a convivência com o cotidiano da comunidade visitada são na atualidade de suma importância que sejam discutidos, objetivando a elaboração de atividades turísticas que visem propor soluções para problemas ambientais já existentes e relacionados à melhoria na qualidade de vida da comunidade receptora.

O turismo alternativo é considerado como um fator condicionante ao aumento da procura pelo turismo no espaço rural como alternativa ao lazer urbano, tendo uma maior valorização e maior interesse pela qualidade de vida (PIMENTEL, 2003). A atividade turística vem sendo incentivada pela fuga do cotidiano urbano dos grandes centros, procurando o contato com a natureza para o lazer, descanso ou esportes sem afetar o conjunto paisagístico do local.

Para Wearing e Neil (2001, p. 4), turismo alternativo é “a forma de turismo que demonstra ser coerente com os valores natural, social e comunitário e que permitem que tanto hospedeiros quanto hóspedes desfrutem uma interação positiva e conveniente”.

Atividades denominadas como turismo alternativo são praticadas por pessoas que geralmente residem em centros urbanos, procurando por atividades em contato com a natureza e com a cultura e a tradição da comunidade receptora favorecendo uma boa interação entre turista – meio rural – comunidade.

O “turismo alternativo é uma expressão criada para categorizar modalidades de turismo que, do ponto de vista de seu objeto de consumo e da forma de consumo do espaço, se contrapõem ao chamado turismo de massa” (CRUZ, 2003, p.6). Para a mesma autora, a modalidade de turismo alternativo é realizada em espaços naturais e, não necessitam tanta infraestrutura e serviços quanto o turismo de massa. O turismo de massa é “caracterizado pelo deslocamento e pela permanência nos núcleos receptores de um grande número de visitantes” (RUSCHMANN, 1997 p.155).

Para os autores Wearing e Neil (2001, p. 02) o turismo alternativo “caracteriza-se pela tentativa de minimizar o visível impacto ambiental e sociocultural negativo das pessoas em férias, promovendo abordagens radicalmente em relação ao turismo convencional”, entendendo o turismo convencional caracterizado como o turismo de massa, onde muitas vezes os turistas não dão a devida importância sobre quais impactos são agregados com aumento geralmente sazonal da população introduzida no local.

A forma de se praticar o chamado turismo alternativo trabalha para que haja uma interrelação, uma reconciliação entre o homem e a natureza como cita Beni (2001, p. 55):

Os homens procuram resgatar o contato com a natureza, atrás de belas paisagens, ambiente saudável e tranquilo, como lógica reação ao relacionamento frio e à opressão rígida do concreto que substitui o verde, do asfalto e congestionamento do tráfego, do adensamento populacional e ruído acima do tolerável – tudo imposto pelo cotidiano da vida nas grandes cidades.

Permite que o turista saia do seu cotidiano, com a poluição dos grandes centros, o estresse e pressões do dia-a-dia. O turista alternativo é atraído pela atividade realizadas de maneira consciente, praticadas tendendo a minimizar os impactos negativos e maximizar os impactos positivos por ela causados. Buscando através de atividades turísticas integrar os turistas e as comunidades mantendo um contato saudável se que acarrete prejuízos.

O turismo alternativo é representado por viagens que se desenrolam em recantos que podem ser inexplorados e afastados, para as quais os sujeitos renunciam às infraestruturas turísticas normais, alojando-se de acordo com os hábitos locais, acreditando poderem viver uma verdadeira aventura, longe da agitação das cidades. Krippendorff (1989, p. 77) completa o termo, evidenciando que "o imperativo essencial dos turistas alternativos é o de dissociar-se do turismo de

massa". As atividades proporcionadas pelo setor e vivenciadas no contexto do lazer surgem como opção àquela geralmente vivenciada ao sol e nas praias, colaborando ativamente na recuperação de territórios geográficos preteridos, dos pontos de vista econômico, demográfico e social.

Podem ser relacionados como atividades de turismo alternativo segmentos como: turismo rural, ecoturismo e turismo cultural, segmentos geralmente são desenvolvidos em comunidades rurais. O Turismo alternativo é uma modalidade do turismo, que dá ênfase ao que se refere à proteção e conscientização ambiental, utilizando o entretenimento e as atividades de lazer para alcançá-las. A principal diferença entre o turismo alternativo e o turismo de massa, é que o turismo alternativo está diretamente relacionado com o turismo no ambiente natural.

Marinho (2003, p.3), escreve que o “contato direto com o meio ambiente natural, aliado a pesquisas educativas e outras atividades afins, tem o potencial para se constituir numa significativa experiência”.

O ecoturismo tem potencial para dar apoio às questões de conservação, se bem planejado pode servir como alicerce para enaltecer as características naturais, cultural e das comunidades receptoras, resultando em uma atividade bem sucedida, todavia, caso não planejado, ameaça a qualidade de vida e a conservação da região ou comunidade onde inserida as atividades de ecoturismo.

4.2 ECOTURISMO

O ecoturismo segue princípios e critérios, como uma tentativa de minimizar os impactos negativos e maximizar os impactos positivos da atividade turística, promovendo a conscientização a respeito do meio ambiente e a cultura encontrada no local, podendo proporcionar experiências entre visitante e anfitriões, gerando benefícios financeiros deixando o poder legal de decisão sobre o bem estar e o desenvolvimento da comunidade local para a população residente.

Wallace (1995, p.49) apresenta para o ecoturismo uma abordagem direcionada à comunidade local, apontando que o ecoturismo:

É a viagem em que há preocupação com a flora, a fauna, a geologia e os ecossistemas de uma área, assim como com as pessoas (guardiãs) que vivem nas vizinhanças, suas necessidades, sua cultura e seu relacionamento com a terra. O ecoturismo encara as áreas naturais como “a casa de todos nós” num sentido global (“eco” significando “casa”), mas

também especificamente a “casa dos habitantes e vizinhanças”. Ele é visto como uma ferramenta para a conservação e o desenvolvimento sustentável

Atualmente, o ecoturismo tem recebido um tratamento diferenciado, sendo visto e valorizado pelo poder público e privado que observando os impactos positivos, promove a descentralização do turismo, a saída de pessoas dos grandes centros para o interior, desenvolvendo e utilizando de maneira sustentável, o patrimônio natural e cultural da região onde é implementado tornando-se uma fonte de renda e desenvolvimento comunitário.

Incentivando a conservação da natureza e fortalecendo a constituição de uma consciência ambiental através da observação e interpretação do ambiente rural, visando também o bem estar das populações envolvidas através de programas em nível regional e local.

De acordo com Fennell (1998 *apud* FENNELL, 2002), o ecoturismo vem a conscientizar muitos lugares e pessoas, oferecendo oportunidades de viagem à natureza em conjunto com os esforços da sociedade de se tornar ecologicamente mais responsável, promovendo programas sérios e com infraestrutura segura e profissional, oferecendo e incentivando a educação ambiental, com guias especializados.

Os roteiros devem ser associados à transmissão de informações, auxiliando com relativa facilidade ao aprendizado sobre o local visitado, porém, a grande herança deixada no turista é o aprendizado e a consciência da importância de se preservar o ambiente natural e a cultura da região.

Segundo o Ministério do Turismo do Brasil (BRASIL, 1994), os objetivos básicos da Política Nacional de Ecoturismo, descritos no quadro 1, foram definidos visando:

Quadro 1– Objetivos básicos da Política Nacional de Ecoturismo

<ul style="list-style-type: none"> ➤ compatibilizar as atividades de ecoturismo com a conservação de áreas naturais; ➤ fortalecer a cooperação inter-institucional; ➤ possibilitar a participação efetiva de todos os segmentos atuantes no setor; ➤ promover e estimular a capacitação de recursos humanos para o ecoturismo; ➤ promover, incentivar e estimular a criação e melhoria da infra- estrutura para a atividade de ecoturismo e; ➤ promover o aproveitamento do ecoturismo como veículo de educação ambiental.
--

Fonte: BRASIL - MICT/MMA, 1994 - Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo.

O ecoturismo é uma atividade que, promove o reencontro do homem com a natureza de forma a compreender os ecossistemas que mantêm a vida. No turismo, este processo pode auxiliar no desenvolvimento da consciência da própria existência, em equilíbrio na natureza visando, ainda, a manutenção da qualidade de vida das gerações, tanto atuais quanto nas futuras.

Esse aprendizado permite que o visitante tenha a possibilidade de modificar seu cotidiano, a realidade urbana com a qual o turista está acostumado, passa a ser questionada gerando reflexões sobre poluição destes grandes centros, manutenção de áreas verdes, destinação e reciclagem de lixo e qualidade de vida.

O ecoturismo segue princípios e critérios que devem ser observados para que a atividade aconteça de forma responsável evitando depredações ao local, favorecendo experiências entre visitante e os anfitriões do local.

O Instituto ECOBRASIL² aborda que o ecoturismo deve seguir alguns princípios, que são os descritos no quadro 2:

Quadro 2 – Princípios do Ecoturismo

Princípios do Ecoturismo	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Oferecer ao turista contato com a natureza, pois estando em contato com ela obterá respeito e conhecimento maior sobre ela; ➤ Entender e conscientizar os turistas sobre sua importância ambiental e sociocultural; ➤ Ajudar na preservação das áreas exploradas; ➤ Beneficiar a comunidade local, na questão econômica, social e cultural, proporcionando melhoria em suas vidas; ➤ Usar da mão de obra local, ou seja, dar oportunidade para a população local trabalhar e se desenvolver; ➤ Ter uma infra-estrutura adequada, que harmonize e não prejudique o meio ambiente e ao mesmo tempo atenda as necessidades do turista; ➤ Valorizar a cultura local.
---------------------------------	--

Fonte: Instituto ECOBRASIL

De acordo com as diretrizes para Política Nacional de Ecoturismo, alguns critérios do ecoturismo deveriam ser seguidos descritos no quadro 3, para que se desenvolva de maneira que não haja degradação do ambiente natural, fomentando a

² O Instituto EcoBrasil é uma organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, que tem por finalidade fazer do turismo um instrumento eficaz de desenvolvimento econômico e conservação dos recursos naturais e culturais do Brasil promover a capacitação e treinamento de profissionais e empresários para atender o mercado e elaborar e implementar estudos, pesquisas e projetos, prestação de serviços especializados, em sintonia com os seus objetivos, atendendo os princípios do ecoturismo e do turismo sustentável, quanto a: publicar e/ou auxiliar na publicação de material informativo sobre atividades turísticas, promover a participação das comunidades locais nos projetos ou empreendimentos, avaliar e divulgar os impactos sociais, financeiros e ambientais resultantes da exploração do turismo e promover a formação e capacitação profissional, tendo como missão fazer do Brasil um destino turístico confiável e sustentável.

inclusão dos residentes na atividade turística, trazendo melhorias na qualidade de vida e na economia da comunidade ou região.

Quadro 3 – Critérios do Ecoturismo

<p>Critérios do Ecoturismo</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Manejo e administração verde do empreendimento; ➤ Associações e parcerias entre os setores governamentais e não governamentais locais, regionais e nacionais; ➤ Educação Ambiental para o turista e para a comunidade local; ➤ Guias conscientes, interessados e responsáveis; ➤ Planejamento integrado, com preferência à regionalização; ➤ Promoção de experiências únicas e inesquecíveis em um destino exótico; ➤ Monitoramento e avaliação constante; ➤ Turismo de baixo impacto; ➤ Código de ética para o mercado do ecoturismo
--------------------------------	---

Fonte: BRASIL - MICT/MMA, 1994 - Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo

Utilizando-se dos princípios e critérios citados no quadro 3, pode-se realizar o planejamento adequado para se tirar o máximo proveito da atividade do ecoturismo com o mínimo de degradação ao meio ambiente onde realizada a atividade turística.

Antes de implementar o ecoturismo, é necessário que se faça o estudo dos impactos resultantes da presença de ecoturistas no local, como também realizar pesquisas para saber a aceitação por parte da população residente além de saber o quanto essa comunidade está disposta a se envolver, direta ou indiretamente com a atividade turística.

Considerando como impacto, qualquer alteração nas propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente. Quando se fala de impacto ambiental, tem-se no mesmo instante uma ideia de algo negativo, degradante ao meio ambiente, porém, os impactos podem ser, tanto negativos como também positivos.

A definição de impacto ambiental segundo a NBR ISO 14001 Sistema de Gestão Ambiental é que, “qualquer modificação do meio ambiente, adversa ou benéfica, que resulte, no todo ou em parte, das atividades, produtos ou serviços de uma organização”.

Nota-se que, a norma cita que, impacto é uma modificação adversa ou benéfica, qualquer alteração que o meio ambiente sofre é um impacto ambiental, mas vai depender da mudança que será realizada que se possa concluir como positivo ou negativo.

Segundo Googwin (1996: *apud* Fennell, 2002. p.46), o turismo em áreas naturais:

Engloba todas as formas de turismo – turismo de massa, turismo de aventura, turismo de baixo impacto, ecoturismo – que utilizam os recursos naturais de uma forma selvagem ou não desenvolvida – inclusive espécies, habitats, paisagens, atrações aquáticas de água doce e salgada. O turismo na natureza é a viagem com objetivo de apreciar as áreas naturais não desenvolvidas ou a vida selvagem.

Conforme Coriolano e Menezes (2002, p.36), “o turismo que não se firmar em bases educativas, de conservação da natureza e das culturas está condenado a ser desprestigiado e desaparecer.” Alguns impactos negativos que possam vir a prejudicar, direta ou indiretamente o destino turístico estão descritos no quadro 4:

Quadro 4– Possíveis influências e resultados causados pela atividade turística

Possíveis influencias	Possíveis resultados
a saúde	através da poluição sonora, estresse causado pelo transito e a poluição das grandes cidades da América do Sul, pode provocar nas pessoas problemas respiratórios e cardíacos, infecções pulmonares.
a segurança e o bem estar da população	através de atividades seguras, atendendo as normas da ABNT e a Associação Brasileira de Empresas de Esporte de Aventura (ABETA), inserir a população sem que haja transtornos a população anfitriã;
as atividades sociais e econômicas	promovendo programas sérios e com infraestrutura segura e profissional, oferecendo e incentivando a educação ambiental, com guias especializados, sendo moradores da região.
a biota	a fragilidade dos ecossistemas naturais não comporta um número elevado de visitantes e tráfego excessivo de veículos pesados, e se não atendidas normas estabelecidas, pode-se causar grande degradação ao meio ambiente, como alterações na paisagem, na topografia, no sistema hídrico e na conservação dos recursos naturais florísticos e faunísticos
as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente	não tirando nada do local a não ser fotos e mantendo as condições sanitárias mantendo o local limpo, não deixando nada a não ser pegadas o rastros de bicicleta pelas trilhas
a qualidade dos recursos naturais	não poluindo nem deixando lixo, assim como não degradar o conjunto paisagístico e flora e fauna do local visitado

Fonte: BRASIL, MMA e Salvati, Sérgio Salazar

Alguns impactos negativos e positivos que serão causados pela atividade de ecoturismo estão, a princípio, relacionados a danos potenciais ao meio ambiente rural e à comunidade.

Estão elencados no quadro 5, os principais impactos e benefícios do ecoturismo, sendo que, os impactos negativos podem e devem ser minimizados e os benefícios ou impactos positivos devem ser potencializados, desde que suas atividades ocorram seguindo um bom planejamento.

Quadro 5 – Impactos positivos X impactos negativos

ATIVIDADE	IMPACTOS POSITIVOS	IMPACTOS NEGATIVOS
Socioculturais	<ul style="list-style-type: none"> • Investimentos na infraestrutura viária, de abastecimento, equipamentos médicos e sanitários; • Estímulo ao artesanato local e às manifestações culturais tradicionais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Perda de valores culturais tradicionais; • Conflitos entre usuários da comunidade e visitantes.
Econômica	<ul style="list-style-type: none"> • Geração de emprego • Melhor distribuição de renda 	<ul style="list-style-type: none"> • Sobrevalorização de terras e imóveis; • Aumento do custo de vida; • Pressões para a super-exploração de áreas turísticas
Sobre o meio físico	<ul style="list-style-type: none"> • Manutenção da paisagem; • Controle da poluição 	<ul style="list-style-type: none"> • Descaracterização da paisagem; • Poluição da água, do solo, sonora e do ar.
Sobre a vida silvestre	<ul style="list-style-type: none"> • Auxílio na conservação de áreas naturais; • Conscientização sobre o equilíbrio do meio ambiente 	<ul style="list-style-type: none"> • Alterações na reprodução, comportamento e hábitos alimentares da biota; • Coleta e comércio ilegal de espécies silvestres; • Erosão e desmatamento em trilhas; • Estradas inadequadas; • Meios de transporte poluentes

Fonte: BRASIL, MMA e Salvati, Sérgio Salazar

Considerando como impacto, quaisquer alterações decorrentes das atividades humanas e por agentes químicos, físicos ou biológicos, sendo evidente, que o bom planejamento das atividades de ecoturismo pode trazer a valorização do espaço ou da comunidade anfitriã, promovendo a preservação do meio ambiente, a cultura da comunidade local, qualificando os residentes do local para as atividades relacionadas ao ecoturismo.

Segundo Conti (2003 p. 59), “entre as práticas do Ecoturismo incluem-se caminhadas, percursos de bicicleta ou a cavalo” e o autor cita o Brasil como sendo

um país que possui Unidades de Conservação e ambientes de áreas naturais com condições propícias para desenvolvimento do ecoturismo. Marinho (2003) cita que, o ecoturismo envolve atividades como: caminhada, educação ambiental, estudos do meio e o turismo em ambiente rural, destes surgem às atividades de aventura.

De acordo com a Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (Abeta 2013), uma das grandes conquistas do setor é a certificação em gestão da segurança, sendo que, o Brasil tem hoje no total 32 Normas Técnicas para diversas atividades de turismo de aventura, porém, a certificação torna-se por vez inviável para empresas de pequeno e médio porte pelos elevados custos, pago para manter a certificação.

Sendo o turismo de aventura uma ferramenta dentro do ecoturismo corresponde ao segmento de mercado do setor turístico que compreende o movimento de turistas, cujo atrativo principal, é a prática de atividades de aventura de caráter recreativo. Podendo ocorrer em qualquer espaço: natural, construído, rural, urbano, estabelecido como área protegida ou não.

Devido a agitação e a poluição dos grandes centros urbanos, os turistas têm escolhido a prática do ecoturismo, ou seja, praticar uma atividade turística de forma saudável, contemplando o patrimônio natural e cultural, incentivando sua conservação. Promovendo uma consciência ambiental através da interpretação do ambiente, visando bem estar da população do local a ser explorado, enquadrando-se na atividade de turismo de aventura.

4.3 TURISMO DE AVENTURA

O segmento do turismo de aventura teve seu início na década de 1980, quando começaram a desenvolver atividades junto à natureza, passando a visualizar a possibilidade de praticar atividades que ofereçam algum risco, sendo realizada com a participação controlada do turista, obedecendo às normas de segurança.

O turismo de aventura é a atividade realizada geralmente em contato com o meio ambiente, ligada com as características naturais do local onde é desenvolvida, utilizando a adrenalina da prática de esportes e contemplação da natureza como atrativos principais das viagens ou deslocamentos dos turistas. Distinguir um perfil para o turismo de aventura é uma tarefa complexa, pois os diversos produtos de aventura atraem públicos distintos.

Conforme Amaral (2005 p. 234) “o turismo de aventura seduz pelo desejo das pessoas de colocar à prova suas emoções e desafiar os próprios limites”, fomentando a prática de atividades de lazer, recreação de maneira saudável e, que em geral é procurado por pessoas que possuem boa renda e empregos estáveis.

Porém existem algumas diferenças entre o ecoturismo e o turismo de aventura. Conforme Farah (2005, p.30):

No que diz respeito ao ecoturismo, ele deve ser entendido e tratado separadamente. Uma distinção clara já ocorre pelo local de suas práticas. O ecoturismo é praticado apenas na natureza. O mesmo não acontece com a atividade de aventura. O próprio surgimento do ecoturismo corrobora essa distinção

O turismo de aventura, embora preze pelo cuidado e manutenção do meio ambiente, seu foco principal é a prática de esportes realizados com risco controlado, utilizando-se de espaços no meio natural para a realização da atividade física.

De acordo com Mtur (2005) a norma ABNT NBR 15500 – turismo de aventura define-se como: “Atividades oferecidas comercialmente, usualmente adaptadas das atividades de aventura, que tenham ao mesmo tempo o caráter recreativo e envolvam riscos avaliados, controlados e assumidos”.

O turista busca, no ambiente natural, realização de atividades de aventura, para satisfazer suas expectativas com a prática de atividades que causem emoções, riscos, adrenalina, superação e prazer, com riscos controlados, procurada pelo turista que deseja um contato mais direto com o meio ambiente, de forma consciente e responsável, visando o equilíbrio entre a atividade que vai ser praticada e a conservação do local onde se vai praticar.

A atividade de aventura geralmente exigem alto grau de preparação e análise dos riscos possíveis, Machado (2005, p.183) cita que ao praticar atividades de aventura, “podemos passar de um nível extremamente leve de aventura (risco quase zero, com uma trilha de cicloturismo) a um nível elevado (alto risco, como uma expedição para os montes nevados).”

O turismo de aventura é a atividade realizada geralmente em contato com o ambiente natural, ligada com as características naturais do local onde é desenvolvida, utilizando a adrenalina da prática de esportes e contemplação da natureza como atrativos principais das viagens ou deslocamentos dos turistas.

Segundo Machado (2005, p.207) “o turismo de aventura tem alternativas de desenvolvimento durante o ano todo.” Podendo ser uma opção para atrair turistas em épocas diferentes, fomentando a atividade turística em locais com grande sazonalidade, porém deve-se planejar adequadamente o desenvolvimento da atividade, minimizando os problemas causados a comunidade.

O Plano e Desenvolvimento Sustentável de Turismo de Aventura (BRASIL, 2001), trata como turismo de aventura, o segmento do turismo que desenvolve atividades de aventura unidas a esportes em ambientes naturais ou urbanos praticadas ao ar livre, que envolvem riscos controlados, sendo exigido o uso de técnicas e equipamentos exclusivos. Realizados de forma que garantam a segurança de todos envolvidos na atividade, podendo ser: o praticante, o meio ambiente ou a cultura das sociedades e comunidades anfitriãs.

O turismo de aventura tem a possibilidade de promover uma aproximação do homem com a natureza, permite fomentar as reflexões quanto à necessidade da preservação da natureza, passando uma educação ambiental por meio da prática de esportes de aventura como, por exemplo: rapel, bóia cross, escalada, mergulho rafting, trekking, cicloturismo entre outras atividades.

4.4 CICLOTURISMO

O cicloturismo é uma atividade turística que, aproveita o conjunto paisagístico e interage com as pessoas residentes no local e suas culturas, utilizando a bicicleta como meio de transporte, proporcionando a prática de exercício e contribuindo para a conscientização, preservação e a educação ambiental.

Segundo Ruschmann (1997, p.21) “a natureza e todos os seus componentes tornam-se pretextos para a descoberta, a iniciação, a educação e o espírito de aventura e, dessa forma, dão origem a um novo mercado.” Onde, novos esportes como o ciclismo e o *Mountain bike* necessitam de um ambiente de natureza preservada para se desenvolver. Para Jesus (2003, p.76) “os esportes de aventura abrangem hoje um incontornável conjunto de vivências realizadas amiúde em cenário natural”. O autor aponta, ainda, que são atividades relativamente recentes que estão sendo incorporadas pela vida social.

Pimentel (2003, p.145-146) cita que, “o ciclismo em áreas irregulares, o esporte olímpico *mountain bike* é uma atividade com crescimento de adeptos,

principalmente como opção de lazer.” Complementando que, “o direcionamento das *bikes* para o lazer no meio rural remete ao uso como equipamento recreativo para passeios rústicos.”

Para a Associação Brasileira de Normas Técnicas (BRASIL, 2007) o cicloturismo é caracterizado por ser uma atividade do turismo onde o turista realiza percursos utilizando a bicicleta.

Segundo Roldan, 2000, p.14

[...] entendemos o cicloturismo como todo tipo de viagem com um dia ou mais, de duração que tenha como objetivo conhecer lugares e praticar turismo, utilizando a bicicleta como meio de locomoção, diferenciando-se de outras atividades não competitivas por suas maiores dimensões espaciais, cronológicas e seu planejamento prévio.

Sendo assim, tanto o turismo de aventura quanto o ecoturismo, desenvolvem-se em ambientes naturais, considerando-se o turismo de aventura como um segmento do ecoturismo, onde, será abordado o cicloturismo como uma modalidade de turismo de aventura, desenvolvido em áreas naturais e ou urbanas.

A atividade do cicloturismo é uma forma de turismo que consiste em viajar ou utilizar como meio de transporte a bicicleta, sendo uma maneira saudável, econômica e ecológica de se praticar o turismo.

O cicloturismo não pode ser comparado ao ciclismo recreativo pelas distâncias serem maiores e o tempo de duração maior, embora, a diferença esteja relacionada ao planejamento detalhado do roteiro (ROLDAN, 2000).

Cicloturismo é uma modalidade do turismo onde o turista percorre trajetos preestabelecidos com utilização de bicicleta para locomoção e possui com caráter não competitivo, onde o cicloturista orienta-se por meio de mapas ou planilhas até chegar ao ponto desejado.

Os maiores riscos observados na realização da atividade do cicloturismo, são o excesso de velocidade, as manobras arriscadas ou a imprudência causada muitas vezes pelo excesso de confiança dos praticantes, podendo ocasionar quedas, resultando em hematomas, fraturas e/ou luxações, acidentes de trânsito.

De acordo com pesquisa *on-line* sobre o perfil do cicloturista brasileiro, feita no site do Clube de Cicloturismo do Brasil durante os meses de março e abril de 2008, Paupitz(2008) cita que, 52% dos cicloturistas que responderam a pesquisa dizendo que estariam dispostos a percorrer entre 50 a 100 km por dia, Machado

(2005, p.123) cita que, “as trilhas e percursos de cicloturismo devem ter distância compatível com a disponibilidade de tempo do usuário.”

A trilha se muito curta, pode tornar a atividade frustrante para o praticante do cicloturismo, que realiza a trilha como finalidade obter o entendimento do meio natural, sem caráter competitivo. Dos turistas entrevistados, 45% estão na faixa etária entre 26 e 35 anos, sendo 17% mulheres, 53% preferem pistas com terra e asfalto, tendo como motivação de 44% dos turistas a aventura, o contato com a natureza e paisagens do local motiva cerca de 35% agências especializadas na atividade do cicloturismo são apenas 7% (PAUPITZ, 2008). Outro dado é que a maioria, 95% dos praticantes se dizem satisfeitos com a infraestrutura das ciclovias brasileiras.

A Europa dispõe de vários roteiros percursos e caminhos, já no Brasil, o cicloturismo ainda engatinha, começando a se fortalecer, ao contrario da Europa dispõe de vários roteiros percursos e caminhos, grande parte das estradas brasileiras se encontre em estado precário, muitas vezes em estado lastimável, além do desrespeito ao cicloturista, por parte dos motoristas (DIAS, 2003).

A realização da atividade de cicloturismo requer que algumas normas sejam respeitadas para que tenha sucesso e ocorra de forma segura e satisfaça a expectativa do turista praticante.

4.4.1 Requisitos necessários para implantação do cicloturismo

A atividade do cicloturismo respeita normas para seu melhor desenvolvimento, normas essas que foram estipuladas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) em parceria com o Ministério do Turismo para que a atividade ocorra em segurança e melhor forma para o turista, tais requisitos estão contidos nas normas para desenvolvimento do turismo no Brasil, NBR 15509-1 de 2007, sendo, Cicloturismo e Requisitos para Produto, é de responsabilidade da organização, no que diz respeito à operação da atividade:

- Garantir que os condutores tenham conhecimento e sigam as normas de qualificação definidas nessa norma;
- Assegurar o planejamento para realizar a atividade de forma a garantir a segurança;
- Respeitar as limitações de uso em ambientes visitados;

Adotar os planos de uso e zoneamento ecológico quando o atrativo estiver em uma Unidade de Conservação, a fim de atender as restrições ambientais;

Estabelecer práticas ambientais e sociais, por exemplo, conduta consciente em ambiente natural;(BRASIL, 2007, p.2-3).

Condutores também devem atender alguns requisitos para que a atividade se desenvolva de maneira mais responsável e segura, em que:

Deve possuir noções de mecânica de bicicleta como, por exemplo: troca de pneu, remendo de câmara de ar, desempenho de rodas, regulagem de freios, de câmbio, troca de cabos de aço, reparo ou troca de corrente;

Técnicas de dirigibilidade como posicionamento do corpo durante as progressões;

Direção defensiva;

Aptidão física condizente com o percurso (BRASIL, 2007, p.3-4)

Para a atividade se desenvolver de forma satisfatória deve-se respeitar a capacidade de carga do local e da atividade do cicloturismo, atentando-se para que sejam seguidas as indicações em percursos que não necessitam de presença permanente de equipe de apoio com veículo, em que deve ser assegurado pela organização que haja ao menos um condutor para um conjunto de até cinco clientes, com mais um condutor adicional, como citado no quadro 6:

Quadro 6 – Relação entre quantidade de condutores por clientes em operações sem veículo de apoio

Quantidade de clientes	Quantidade indicada de condutores
1 a 5	1
6 a 10	2
11 a 20	3
21 a 30	4

Fonte: ABNT(2007)

A empresa organizadora deve verificar que os praticantes da atividade possuam os seguintes itens durante a operação como:

Bicicleta adequada para o tipo de percurso;

Aparelho de comunicação (radiocomunicador, celular etc.) para comunicar-se com o veículo de apoio;

Calçado fechado e adequado;

Recipiente de água;

Vestimenta adequada;

Capacete de ciclismo;

Ciclocomputador;

Luvas de ciclismo;

Óculos de proteção;

Luz de sinalização traseira;
 Dispositivo de sinalização elétrico;
 Apito;
 Conjunto de ferramentas como: jogos de chave *allen*, *phillips*, de boca, de fenda, e de corrente; bomba de ar; kit de reparo de câmara; alicate de bico.
 (BRASIL, 2007, p.6-7)

Em percursos autoguiados, a organização deve certificar-se que o cliente possua comunicação por meio de radiocomunicadores e/ou celular, caso aconteça algum imprevisto ou acidente que necessite de resgate.

A organização deve garantir um veículo de apoio que este esteja em boas condições de uso, sendo capaz de transportar tanto as bicicletas quanto as pessoas, ou seja, motos e similares não podem ser considerados veículos de apoio.

Medidas de prevenção e segurança devem ser abordadas preliminarmente para os clientes, demonstrando áreas que possuam passagens estreitas, planos inclinados, grandes desníveis, pisos escorregadios e outros obstáculos que existam no local, tais medidas são:

Medidas que evitem que grupos distintos se misturem;
 Garantia de condutores no início e final do grupo;
 Cuidados especiais em trechos com: fluxo intenso de veículos, obstáculos, presença de animais, locais com perigo de queda, encontros com outros grupos;
 Prever paradas para descanso;
 Estabelecimento de métodos de comunicação para sinalização de obstáculos, comunicação com o cliente com a bicicleta em movimento, sinalização de frenagem;
 Estabelecimento e controle do ritmo de deslocamento;
 Garantia que cada cliente esteja sendo observado pelo condutor (BRASIL, 2007, p. 10-11).

As sinalizações e procedimentos de comunicação devem ser elaborados e explicados pela organização e repassados aos clientes antes do início da atividade, assim como, devem estar informados sobre o atendimento de emergência, sendo que os procedimentos de atendimento em caso de acidentes, que podem ser atropelamentos e quedas, os guias devem ser testados e treinados ao menos uma vez por ano, estando todos envolvidos com a operação da atividade capacitados para aplicação dos primeiros socorros.

A atividade turística, quando bem planejada, traz retorno tanto aos visitantes, quanto aos moradores e ao meio ambiente, sendo que o planejamento, se faz definindo objetivos, estabelecendo diretrizes e normas, para que sejam tomadas as melhores decisões por parte da organização da atividade do cicloturismo.

4.5 PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES CICLOTURÍSTICAS

A atividade turística, quando bem planejada traz retorno aos visitantes, aos moradores e ao meio ambiente, por isso, o turismo procura trabalhar com o planejamento estratégico, definindo objetivos geral e específicos, estabelecendo diretrizes e normas para a melhor otimização do produto a ser ofertado.

Planejar é definir um futuro desejado e todas as providências são necessárias para minimizar a possibilidade de insucesso da atividade turística, preestabelecendo um rumo para uma ação futura e a utilização de mapas e planilhas tornam-se necessárias em atividades como trilhas, onde será demonstrado o tempo de percurso e os pontos relevantes para o cliente .

Segundo Lechner (2006), o planejamento das trilhas deve considerar a conservação das áreas naturais destinada a receber a trilha. Isto é necessário tanto para implantação de novas trilhas, como para o melhoramento das já existentes.

O planejamento de trilhas para o cicloturismo visa aspectos como o grau de fragilidade dos ambientes, as variáveis físicas como os solos a declividade e o uso do solo, áreas de risco e de apoio ao visitante entre outros. Assim, com o cruzamento das informações referentes a área de estudo, pode se verificar como será a melhor maneira para o uso do solo.

Dentre os materiais mais consultados segundo Uvinha (2005. P148-149), “estão os mapas turísticos e os croquis cartográficos, confeccionados quase sempre sobre uma base cartográfica confiável”, proporcionando uma melhor visualização dos atrativos locais por meio das representações detalhadas.

A atividade turística necessita de planejamento adequado para que o seu desenvolvimento tenha sucesso e a cartografia pode contribuir nesse processo, para o cicloturismo, observa-se a necessidade da utilização da cartografia, tratando da elaboração de planilhas e mapas que representem os percursos a serem seguidos, indicando os locais de interesse como atrativos, equipamentos de apoio e hospedagem além das malhas viárias.

4.5.1 Cartografia

Cartografia é a ciência que estuda e elabora cartas e mapas, desenvolvendo a representação gráfica de espaços geográficos, apresentando simbologias, direção,

escala e posicionamento, para ser utilizado como um meio de comunicação como outro qualquer para localização de lugares.

Para Duque e Mendes (2006, p. 76): “a cartografia para o planejamento turístico pode ser dividido em duas vertentes: a cartografia para o planejador e a cartografia para o turista”. O planejador realiza um diagnóstico, fazendo o levantamento da potencialidade, atrativos turísticos, infraestrutura. Resumindo, realizará o levantamento da oferta e da demanda.

Para o turista, mesmo sendo leigo poderá consultar o material sobre cartografia e a sua leitura deverá ser de fácil interpretação e compreensão, pois a finalidade é levá-lo até o local desejado da forma mais simplificada. Comumente são utilizados nos guias turísticos materiais cartográficos que imitam as formas da realidade

Observa-se a importância do produto cartográfico, ou seja, o mapa, por ser o primeiro material a ser usado antes que outras ferramentas possam ser postas em prática, serve de base para: localização, obtenção de informação georreferenciais, modelagem digital de terreno, mapeamento temático

Segundo Joly (1990), a representação da cartografia sistemática fornece representações exatas e detalhadas da superfície da terra e sua posição, sua forma, suas dimensões e os acidentes dos terrenos, ou seja, com precisão.

As representações cartográficas permitem uma identificação de ofertas turísticas como a localização de mirantes, trilhas para ecoturismo e cicloturismo, a utilização de cachoeiras em roteiros, entre outras especificidades.

Outro mapa de relevante interesse é o mapa geológico, que permite identificar grutas, cavernas e minerais, podendo ser observados aspectos como a fragilidade do solo estabelecendo um prognóstico sobre a degradação causada tanto pela atividade humana como também por intemperismos químicos, físicos e biológicos.

Os mapas devem conter a rota a ser seguida e os pontos de interesse, os atrativos, os equipamentos de apoio e infraestruturas existentes, permitindo a fácil compreensão e assimilação das informações neles contidas por todos os praticantes da atividade do cicloturismo, como pede ser observado na figura 1.



Figura 1 – Cartograma de parte do percurso do Timbó – Pomerode/ SC, Circuito Europeu

Fonte: trilhaseaventuras.com.br

A (Figura 1) trata da visualização do cartograma do percurso do Timbó em Pomerode/SC, é uma parte do circuito europeu de cicloturismo, no qual pode-se observar como a de simples visualização, permite a fácil compreensão e assimilação de informações nele contidas, com informações sobre infraestrutura e equipamentos de apoio ao turista, como: estradas de asfalto e de terra, as cidades, bairros, entre outros como restaurantes, meios de hospedagem, pronto socorros, telefones.

De acordo com Guerrero e Fiori (2005, p.149-150), as representações por meio das cartas topográficas são a melhor forma para que o turista realize uma visualização prévia do local que irá percorrer. Utilizando essa forma de representação para melhor visualização os elementos da paisagem, com detalhes de escalas que são extremamente importantes para o turismo.

Mapas utilizados na atividade de cicloturismo fazem uso de símbolos que identificam áreas de interesse e são complementados por textos em planilhas como na planilha 1.

0,0		↑	Início na Sede do Vale das Águas (Fundos Restaurante Thapyoka)
2,9	2,9	←↑	Siga à esquerda (entrada rua Tiroleses)
8,2	5,3	↑*	Siga em frente (escadaria Igreja)
10,0	1,8	↑	Siga em frente (entrada localidade Rio Fortuna)
12,1	2,1	↑	Siga em frente (calçamento centro de Rio dos Cedros)
13,7	1,6	↑	Siga em frente (Igreja Matriz)
18,3	4,6	→	Siga à direita (em direção à localidade de Rio Ada)
18,8	0,5	⤵	Cruze a ponte
20,1	1,3	←↑	Siga à esquerda (em direção à localidade de Rio Ada)
27,0	6,9	↓	Siga em frente (direção Jaraguá do Sul)
27,3	0,3	→	Siga à direita (Pomerode via Carolina)
29,4	2,1	↑	Siga em frente (início da subida íngreme)
31,9	2,5	⤵	Siga em frente cruzando as pontes
34,1	2,2	→	Siga à direita
35,5	1,4	↑	Siga em frente (início da rota enxaimel)
42,6	7,1	↑*	Siga em frente (antigo salão enxaimel)
45,0	2,4	⤵	Cruze a ponte (aqui termina o primeiro dia)
Notas: A esquerda a 200m Portal Norte da cidade com descanso e carimbo A direita a 700m início do 2º dia e a 4km centro de Pomerode.			

Figura 2 - Planilha do percurso Timbó Pomerode/SC

Fonte: trilhasaventuras.com.br

A elaboração dos mapas deve atender a um público variado, pois em determinados grupos podem se diferenciar, quanto a sua interpretação e compreensão de acordo com os conhecimentos de cada um do espaço geográfico e formas de percepção, os mapas utilizados para atividades de cicloturismo demandam símbolos que identifiquem áreas de interesse, sendo complementados por textos e planilhas. Como foi exemplificado na (figura 2).

O turismo não se desenvolve apenas de rodoviárias preexistentes, mas também pode criar seus espaços de deslocamento utilizando, por exemplo, trilhas para chegada em atrativos (CRUZ, 2003).

Os levantamentos cartográficos facilitam a escolha de processos corretos a serem tomados no processo de planejamento de percursos, uma vez que apresentam com precisão as características da crosta terrestre além de imperfeições do terreno.

No Brasil a sinalização turística segue exigências e padrões relacionados pelo Guia Brasileiro de Sinalização Turística, que recomenda o seguinte:

A Sinalização de Orientação Turística faz parte do conjunto de sinalização de indicação de trânsito. Assim, deve seguir os mesmos objetivos e princípios fundamentais, com vistas a garantir a eficiência e a segurança do sistema viário para os usuários das vias urbanas e rurais. A finalidade da sinalização é orientar os usuários, direcionando-os e auxiliando-os a atingir os destinos pretendidos (GUIA BRASILEIRO DE SINALIZAÇÃO TURÍSTICA, 2009).

Faz-se necessário, também um programa que serve de banco de dados para armazenar informações obtidas por meio de GPS (Sistema Global de Posicionamento), observa-se que a cartografia aliada a tecnologia, é uma das primeiras iniciativas importantes do georreferenciamento.

4.5.2 Geoprocessamento e o turismo

Mapas elaborados especificamente para a atividades de *trekking*, cicloturismo ou trilhas *off Road* (fora da estrada) são de grande relevância, uma vez que, eles servem de apoio na orientação dos visitantes nos percursos.

Para o turismo, não são utilizadas somente rodovias, mas também, criam-se espaços para o deslocamento, sendo assim, conforme Instituto Brasileiro de Turismo (Embratur) “as trilhas são corredores de circulação bem definidos dentro da área protegida e através dos quais os visitantes são conduzidos a locais de grande beleza natural para observação da natureza” (BRASIL, 1994, p. 9).

O mapa, ao representar uma informação, não deve dar margem a erros e confusões por parte do turista. Todo usuário de uma representação cartográfica deve facilmente compreender a mensagem nele descrita, conseguindo compreender as relações de proporção para observar a distância percorrida e a percorrer, identificando símbolos utilizados na legenda e lançados sobre o mapa.

De acordo com Santos (2004, p. 129)

Os mapeamentos são representações, em superfície plana, das porções heterogêneas de um terreno, identificadas e delimitadas. Um mapa permite observar as localizações, as extensões os padrões de distribuição e as relações entre os componentes distribuídos no espaço, além de representar generalizações e extrapolações.

As atividades de ecoturismo permitem uma melhor compreensão do meio ambiente, apresentam atividades com potencial de servirem como instrumentos para a interpretação da natureza. A utilização do geoprocessamento em trilhas ecoturísticas pode vir a viabilizar os objetivos de sustentabilidade e conservação ambiental ao local onde realizadas as atividades turísticas e esportivas, permitindo que se faça o planejamento adequado para a atividade desenvolvida.

Para Brites *et al.* (1998), o geoprocessamento está se tornando uma importante ferramenta de execução para projetos desenvolvidos em área de meio ambiente. Os projetos desenvolvidos com atividades relacionadas com o ecoturismo tratando-se em questão a atividade de cicloturismo, utiliza o geoprocessamento como principal recurso para o manuseio das grandes bases de dados envolvidas neles.

O fator ambiental é uma variável considerada no planejamento turístico, que agrega um conjunto de fatores e não apenas a natureza em si, neste caso os Sistema de Informação Geográficas (SIGs) são ferramentas de grande assistência para o trabalho:

Para as ciências ditas ambientais é necessário integrarmos metodologias e técnicas que permitam planejar as condições futuras e detectar os possíveis níveis de fragilidade ambiental. A utilização do geoprocessamento, em ambiente de SIG, tem demonstrado ser uma ferramenta de auxílio muito importante, permitindo a integração de informações provenientes de fontes variadas e em diversos temas, estabelecendo, assim uma dinâmica realista no planejamento e diagnóstico da paisagem com fins de desenvolvimento turístico (SALES *et. al.*, 2004).

Ao término dos levantamentos elabora-se um SIG, em que se poderá realizar a análise do banco de dados e desempenhar um prognóstico. O planejamento, objetivos e as estratégias poderão ser preparados para determinado tipo de oferta e de demanda, visando minimizar e evitar se possível as degradações e impactos negativos (DUQUE E MENDES, 2006).

Trilhas ecoturísticas de interpretação da natureza, em áreas silvestres, podem ser espaços facilitadores e enriquecedores para o desenvolvimento de diversos

programas de educação ambiental integrados com atividades ecoturísticas. Ou seja, são locais indispensáveis para se promover a integração das atividades ecoturísticas de recreação/lazer e as de conservação da natureza.

Os mapas fornecem uma visão espacial dos dados e a relação entre esses, devendo ser analisado de forma criteriosa no planejamento e desenvolvimento do turismo de uma região, bem como em sua divulgação, tanto em formato analógico como em formato digital.

Ao se terminar a criação de um mapa, este deve ser lido, analisado e interpretado e, segundo (MARTINELLI, 2003, p.25):

Por fim, deve-se observar se o propósito maior da ação de se ter produzido um mapa foi atingido: o de revelar o conteúdo da informação, proporcionando, assim, encaminhamento crítico do discurso científico com base no que foi descoberto, e não apenas servir de mera ilustração junto aos textos geográficos.

Sendo o trabalho realizado com base em análise espacial de informações geográficas, históricas, turísticas, arqueológicas, dentre outras, o Sistema de Informação Geográfica (SIG), será fundamental na produção, compreensão e visualização das informações.

O geoprocessamento faz-se de grande importância para a atividade turística, sendo uma ferramenta essencial no desenvolvimento, na preservação e promoção de destino turístico, auxiliando no planejamento da atividade turística, através de um conjunto de técnicas e métodos voltados à obtenção e ao tratamento de informações espaciais, permitindo o levantamento, a análise e a geração de uma grande quantidade de dados.

5 CARACTERIZAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

5.1 MUNICÍPIO DE PRUDENTÓPOLIS – PR

Prudentópolis está localizada no Estado do Paraná, a 202 km da capital Curitiba, 93 km de Ponta Grossa, 626 km de São Paulo e 1006 km do Rio de Janeiro. Sua localização pode ser visualizada na (Figura 3).

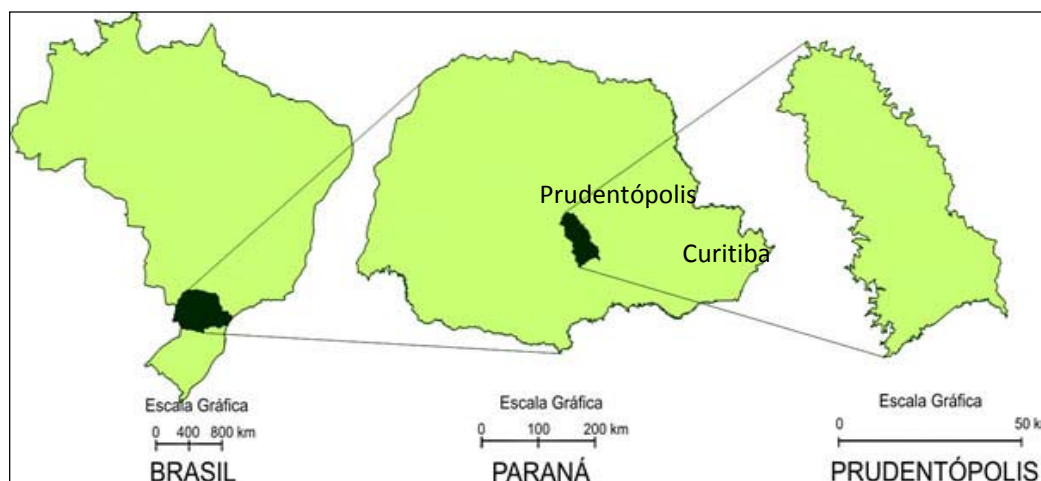


Figura 3– localização do município de Prudentópolis-PR

Fonte: PMP (2013)

Segundo dados do Instituto Paranaense e Desenvolvimento Econômico e Social (IPARDES, 2012), o clima na região é Subtropical Úmido Mesotérmico, com verões frescos (temperatura média inferior a 22° C), invernos com ocorrências de geadas severas e freqüentes (temperatura média inferior a 18° C), não apresentando estação seca.

De acordo com Prefeitura Municipal de Prudentópolis (PMP, 2013), o Município foi criado no final do século XIX, marcada pela vinda de 1500 famílias de imigrantes, aproximadamente oito mil pessoas para o local, tornando-se o município brasileiro que recebeu mais imigrantes ucranianos, outros imigrantes também chegaram à Prudentópolis como os poloneses, alemães e italianos e promoveram a colonização da cidade.

Seu primeiro nome foi São João de Capanema e em seguida, Prudentópolis, em homenagem ao então Presidente da República, Prudente de Moraes Barros. (PMP, 2013)

Os imigrantes tinham suas atividades econômicas principalmente dedicadas à agricultura, à pecuária e à pequena indústria, hoje em dia o município propicia opções turísticas tanto em ambiente urbano quanto em áreas rurais, oferecendo aos visitantes várias alternativas turísticas como por exemplo:

- Cânion Barra Bonita, localizado no vale do Rio Barra Bonita, em propriedade particular, é um dos atrativos naturais mais visitados;
- Cânion do Rio dos Patos, localizado na divisa com o município de Guamiranga, próximo ao salto Barão do Rio Branco;
- Cânion do Rio São João, um extenso cânion no vale do Rio São João, localizado na Barra Bonita;

Dentre os atrativos do Município estão também diversas Igrejas, o Museu do Milênio, o Portal da cidade, a Praça Ucrânia, a RPPN - Ninho do Corvo, o Salto Barão do Rio Branco, o Salto Barra Grande e Fazenda Velha (Saltos Gêmeos), o Salto Jacutinga, o Salto Manduri, o Salto Mlot e a Cachoeira do Miguel, o Salto São Francisco, o Salto São João, o Salto São Sebastião, o Salto Sete, a Escarpa da Esperança.

Nota-se o potencial turístico no município, encontrado na designada zona rural, uma região não urbanizada, movimentada por atividades tradicionalmente de agricultura ou pecuária, porém, grandes áreas podem ser protegidas tendo importância econômica através da conservação e interpretação do meio ambiente, utilizando áreas de conservação (de flora, fauna ou outros recursos naturais), terras indígenas, reservas extrativistas, para geração recursos e renda através do turismo rural ou ecoturismo.

5.2 ZONA RURAL DO MUNICÍPIO DE PRUDENTÓPOLIS

A zona rural de Prudentópolis possui uma vegetação de mata nativa (Ombrófila Mista) preservada, com a ocorrência de animais silvestres tais como paca, tatu, lontra, jacu, além de pássaros de diversas espécies, segundo dados do Ipardes (2012).

A região onde foi desenvolvido este trabalho é caracterizada pela divisão de imponentes matas de araucária, contendo animais criados no sistema de faxinais³, promovendo nestas áreas, atividades de ecoturismo como passeios a pé, mais conhecidos como trilhas ou trekking e atividades de cicloturismo, tendo contato direto com a natureza e se exercitando até chegar a algum lugar interessante como uma cachoeira.

As Comunidades Faxinalenses merecem destaque como atrativos turísticos no Município de Prudentópolis através de seus hábitos e costumes de convivência em comunidade, no dias atuais não restaram muitas e as que se mantêm ainda precisam lutar pela conservação e a sobrevivência dos faxinais em vista das mudanças econômicas e novas tecnológicas introduzidas no meio rural.

A atividade do cicloturismo pode desempenhar um espaço de recuperação e troca de conhecimentos entre a comunidade onde desenvolvida a atividade e o turista. O Circuito RPPN Ninho do Corvo – Salto São Sebastião localizado na região das cachoeiras – Prudentópolis – PR pode possibilitar a geração de renda nos faxinais em que é realizado através da comercialização de produtos produzidos na região para os praticantes do cicloturismo.

³ Faxinal é uma forma de organização camponesa, onde, suas principais características são o uso comum da terra, o bom convívio com o meio ambiente, extrativismo, ações comunitárias para a resolução de problemas na comunidade, agricultura de subsistência, entre outras. Fonte: LEMES(2009)

6 RESULTADOS OBTIDOS

Através dos dados coletados em campo, juntamente com as pesquisas realizadas foi possível obter o resultados expostos sobre a análise do percurso, mostrando a viabilidade e potencial para a implementação do percurso de cicloturismo na região sudeste do Estado do Paraná, denominado como “Roteiro de Cicloturismo RPPN Ninho do Corvo - Salto São Sebastião” no Município de Prudentópolis.

6.1 ROTEIRO de CICLOTURISMO RPPN NINHO DO CORVO – SALTO SÃO SEBASTIÃO

O roteiro em questão tem como destino principal o Salto São Sebastião, localizado no Município de Prudentópolis na região Sudeste do estado do Paraná (Figura 4), mais precisamente na linha São Sebastião como pode ser visualizado na (Figura 5).



Figura 4 – Região onde desenvolvido o presente trabalho

Fonte: PMP (2013)



Figura 5 - Objeto de Estudo

Fonte: PMP (2013)

O parque de Aventuras Ninho do Corvo, uma “RPPN (Reserva Particular do Patrimônio Natural)” que promove a visitação aliada à preservação da área, transmitindo aos visitantes a relevância de uma sensibilização ambiental além da recuperação de áreas impactadas, aliadas a atividades de turismo de aventura e será o ponto inicial e final deste percurso.

No percurso o turista encontrará além de um conjunto paisagístico, algumas edificações como a Igreja Transfiguração de Nosso Senhor Jesus Cristo na Linha Paraná, Igreja está construída em estilo Ucraniano.

Para utilizar caminhos mais atraentes visualmente, foram escolhidas diferentes estradas para ida até o atrativo principal e para volta ao ponto de partida, no entanto, ambas possuem aspecto de área rural.

No quadro 7 tem-se a representação da distância total do percurso em metros, os locais que necessitam atenção, são as áreas consideradas de risco, o local possui trânsito intenso de veículos automotores, as direções que devem ser tomadas, assim como as referências que possam ser utilizadas.

KM	DESCRIÇÃO DO PERCURSO
0,0 km	SAÍDA – RPPN Ninho do Corvo 100 m. Direita
0, 100 km	1,900 m. Segue reto na estrada principal, sobe
2,050 km	2050 m. bifurcação - segue pela direita
2,350Km	2350m.bifurcação – segue pela esquerda
4,150 km	4150m ÁREA DE RISCO - curva fechada
5,200 km	5200m ÁREA DE RISCO - curva fechada
5,700 km	5700m bifurcação – segue pela direita
6,100Km	6100m bifurcação – segue pela direita
7,050Km	7050m bifurcação – segue pela direita
7,800Km	7800m bifurcação – segue pela direita
8,400Km	8400m bifurcação – segue pela direita
8,900Km	8900m bifurcação – segue pela esquerda
11,000Km	11000m Chegada a entrada do Salto São Sebastião, caverna e Salto Mlot - trekking até a caverna e topo do Salto São Sebastião
11,000 km	11000m segue pela esquerda
15,000 km	15000 m. Esquerda – Chegando a Igreja Transfiguração de Nosso Senhor Jesus Cristo
15,00Km	15000m entrada da trilha de acesso a RPPN- ÁREA DE RISCO – lama buracos e pedras escorregadias
15,500Km	Chegada a RPPN Ninho do Corvo – Ponto final

Quadro 7 – Descrição do percurso RPPN Ninho do Corvo - Salto São Sebastião

Fonte: O autor

A (Figura 6), representa o croqui com o deslocamento referente ao percurso em Km, tendo marcadores de distância a cada 1 Km, iniciado no ponto 1 localizado na parte inferior da figura, sendo o atrativo principal os Saltos São Sebastião e Mlot encontram-se entre os pontos 9 e 10, podendo o percurso ser feito pela trilha encontrada 500 metros após o ponto 5 em que o cicloturista percorre 1 km e ao final da trilha chegará ao sítio de acesso ao Salto São Sebastião, ideal para pessoas com menor preparo físico, tendo em vista que elimina do percurso a distância de 4 km.

Chegando ao ponto 13 da figura está situada a Igreja Transfiguração de Nosso Senhor Jesus Cristo, podendo após a visitação o percurso ser finalizado pela trilha que tem início no ponto 13 e chega ao destino final a RPPN Ninho do Corvo, onde o turista encontra hospedagem, alimenta o e outras atividades relacionadas com turismo de aventura e ecoturismo.

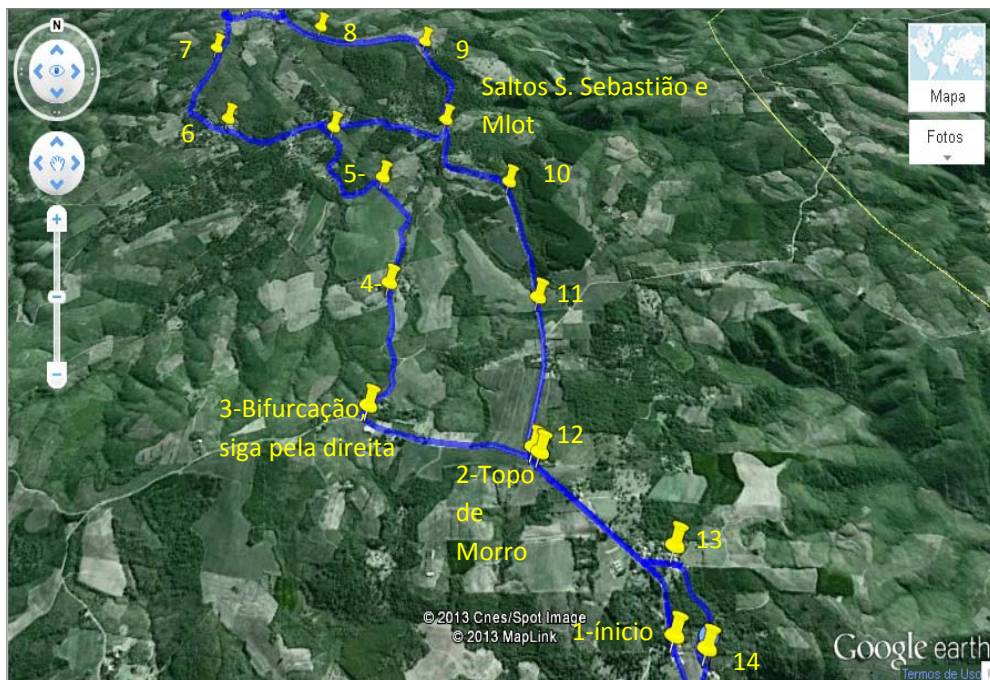


Figura 6 - Croqui com marcadores de distância a cada 1000m - percurso de cicloturismo da RPPN Ninho do Corvo - Salto São Sebastião - Prudentópolis-PR, sendo o ponto inicial e final a RPPN

Fonte: O autor

6.1.1 Características do percurso

O percurso caracteriza-se pelas estradas de terra e trilhas, morros (Figura 7) que, em meio um ambiente rural pode ser avistadas florestas com predominância de Araucárias (*Araucaria angustifolia*) e plantações de *Pinnus sp* (Figura 8).



Figura 7 - Estrada rural com morros - Percurso de cicloturismo da RPPN Ninho do Corvo - Salto São Sebastião - Prudentópolis-PR

Fonte: O autor



Figura 8 - Vista do topo de morro e reflorestamento de Pinnus sp - Percurso de cicloturismo RPPN Ninho do Corvo - Salto São Sebastião - Prudentópolis-PR. Fonte: O auto

Lavouras geralmente de pequenos produtores podem ser visualizadas em boa parte do percurso (Figura 9), assim como, pequenas criações de gado e outros animais em sistema de faxinais (Figura 10), os saltos São Sebastião e Mlot (Figuras 11 e 12) e uma caverna existente na mesma trilha que leva aos saltos (Figura 13)



Figura 9 - Lavoura de feijão - Percurso de cicloturismo RPPN Ninho do Corvo - Salto São Sebastião - Prudentópolis-PR Fonte: O autor



Figura 10 - - Criações de animais em sistema de faxinal - Percurso de cicloturismo da RPPN Ninho do Corvo - Salto São Sebastião - Prudentópolis-PR
Fonte: O autor

Os principais atrativos são os Saltos São Sebastião e Mlot chamando atenção por sua queda d'água com aproximadamente 120m e a visualização do Salto Mlot no lado oposto do cânion (Figura11 e 12), O Salto São Sebastião pode ser visto da sede da propriedade, em um mirante na mesma altitude do topo da cachoeira, cercado por todos os lados por mata nativa.

Para conhecer a parte de baixo dos saltos é necessário enfrentar uma trilha muito íngreme, com alto grau de dificuldade técnica (cordas e degraus para apoio), até chegar à base dos dois Saltos. Há estacionamento no local, sendo cobrada uma módica taxa pela entrada. uma caverna existente na mesma trilha que leva aos saltos que também possui uma queda d'água com pequeno volume (Figura13).

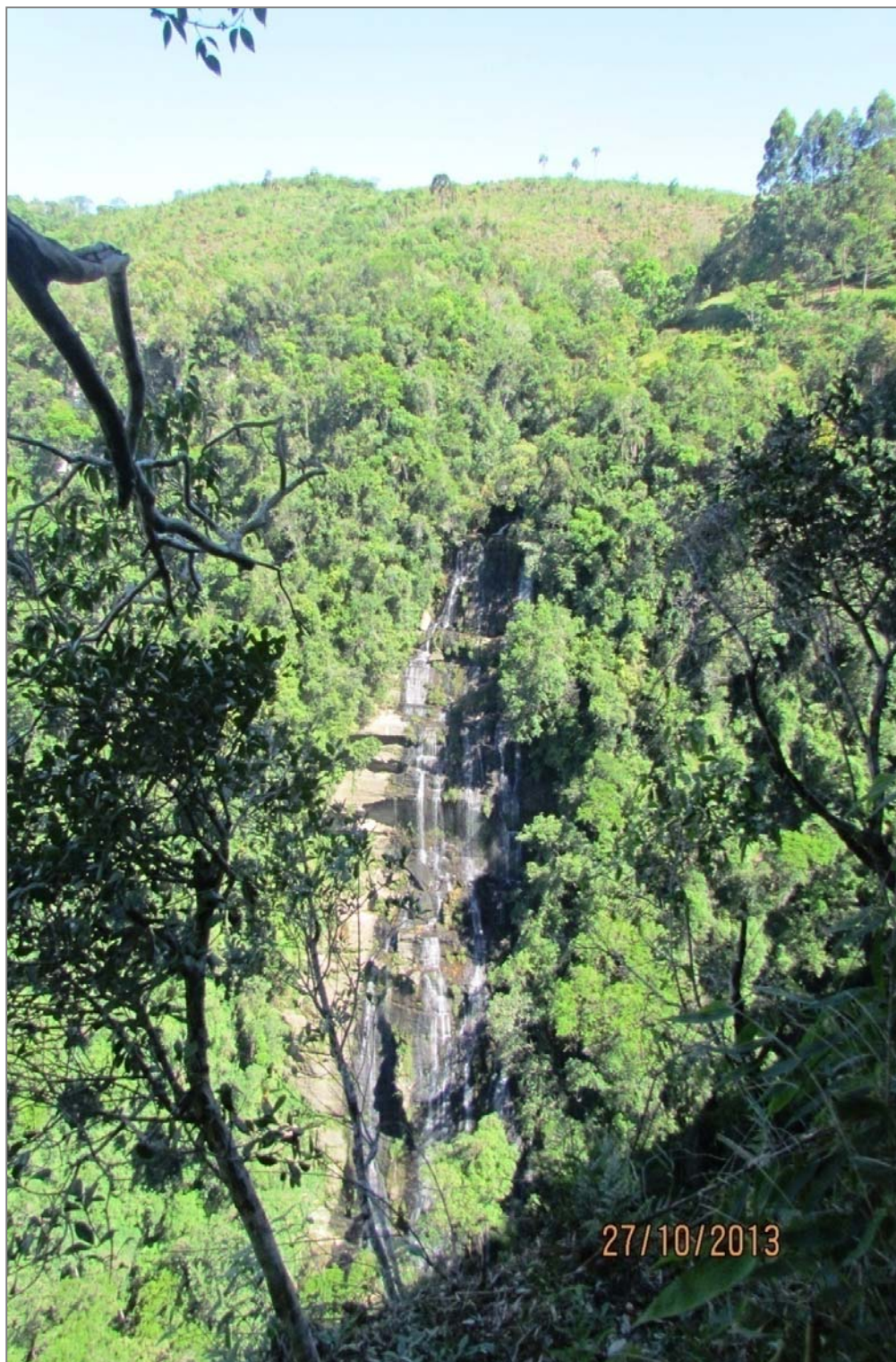


Figura 11 - Salto Mlot visualizado do topo do Salto São Sebastião

Fonte: Pedro Henrique Sanches



Figura 12 - - Salto Salto São Sebastião



Figura 13 - imagem feita de dentro da caverna localizada acima do Salto São Sebastião

Fonte: O autor

As trilhas de acesso aos saltos não são consideradas fáceis. O local é estreito e escorregadio e em vários trechos a descida é auxiliada com cordas, que servem de apoio. Na verdade, as cordas (Figura 14) auxiliam mais na subida, quando os turistas retornam da queda d'água.



Figura 14- - Trilha de acesso ao topo do Salto São Sebastião - Prudentópolis-PR

Fonte: O autor

Ao fim do percurso encontra-se a Igreja Transfiguração de Nosso Senhor Jesus Cristo (Figura 15), reformada em 1978-79 é aberta a visitação mediante a agendamento.



Figura 15 - Igreja Transfiguração de Nosso Senhor Jesus Cristo- Percurso de cicloturismo da RPPN Ninho do Corvo - Salto São Sebastião - Prudentópolis-PR

Fonte: O autor

6.1.2 Grau de dificuldade

Em alguns trechos do percurso a estrada encontra-se em mal estado de conservação, pontos de lama que inclusive em dias sem chuva são encontrados, estes, geralmente em locais úmidos, estes requerem atenção do cicloturista, pois o piso é escorregadio e pode ocorrer uma queda ou um deslize. É um percurso com grande quantidade de aclives, e poucos locais com sombra de árvore, o que exige maior esforço físico do cicloturista.

Quanto ao tempo de duração, o percurso dura aproximadamente 3 horas, a visitação contemplação e interpretação do meio ambiente podem aumentar o tempo total do percurso, os horários mais indicados para realização do percurso são pela manhã com inícios entre 8 e 9 horas e pela tarde após as 14 horas.

É um percurso que possui várias subidas fortes e longas, que dificultam o percurso. Além das estradas de terra, o percurso também se realiza em trilhas, onde é necessária habilidade de pilotagem da bicicleta, isso por se tratar de locais úmidos e escorregadios como podem ser vistos nas figuras 16, 17. Não possui fluxo de automóveis por não ser possível o deslocamento dos mesmos pela precariedade de infraestrutura, no entanto são locais excelentes para a prática de passeios de bicicleta, na figura 18 veículos automotores podem passar, porém com dificuldades.

O percurso pode ser realizado por pessoas sem experiência em percorrer trilhas de bicicleta e ou até crianças, pois à distância percorrida não é tão longa e como comentado o percurso pode ser diminuído com o uso das trilhas, ainda com a possibilidade do cicloturista fazer o percurso de retorno em veículo de apoio.



Figura 16 Trilha de chegada a RPPN - Pedras escorregadias - Percurso de cicloturismo da RPPN Ninho do Corvo - Salto São Sebastião - Prudentópolis-PR - área de risco

Fonte: O autor

6.1.3 Dificuldade técnica

A dificuldade técnica do percurso refere-se aos longos trechos de descida em estradas com valetas causadas pelo processo erosivo ou pela circulação de veículos e pedras soltas e escorregadias, requerem experiência de pilotagem da bicicleta.

O esquema altimétrico representado na figura 17 demonstra as variações de altitudes durante o percurso, está representada no gráfico abaixo, sendo no eixo X (horizontal) a distância em quilômetros e no eixo Y (vertical) as variações de elevação do terreno em metros. Em que se pode observar a dificuldade física ⁴que será encontrada durante a atividade.

⁴ Iniciante - trilhas de até 15km de distância, com velocidade média de 12km/h, terreno menos acidentado com poucas e pequenas ladeiras.



Figura 17 Gráfico da variação altimétrica do percurso de cicloturismo - RPPN Ninho do Corvo – Slatão São Sebastião – RPPN Ninho do Corvo – Prudentópolis - PR

Fonte: O autor

A variação média de altitude é de 147,71 metros, em relação ao nível do mar, sendo a altitude de 890,03m na parte mais alta e 742,32m na parte mais baixa do percurso foi elaborado um esquema referente à elevação do terreno por km, sendo:

- Subida leve abaixo de 50 metros por km;
- Subida forte acima de 50 metros por km;
- Descida leve abaixo de 50 metros por km;
- Descida forte acima de 50 metros por km.

Leve - trilhas de até 25km de distância, Velocidade média de 15km/h, com terreno acidentado e com algumas ladeiras.

Médio - trilha de 25 a 50Km de distância, com velocidade média entre 17km/h a 20km/h em terreno acidentado, podendo ter areia, lama, pedras, com várias ladeiras sendo algumas mais longas e inclinadas.

Médio Alto - são aventuras com um maior nível de dificuldade em relação à condição física e técnica, são trilhas de 50 a 70Km de distância e/ou, com velocidade média acima de 20km/h, terreno muito acidentado, com downhill's, areal, lamaçal, pedras, com muitas ladeiras, sendo algumas mais longas e inclinadas, com alguns momentos de necessidade de empurrar bike, condições climáticas adversas (calor ou frio), pouco ou nenhum ponto de apoio/abastecimento.

Alto - são aventuras com extrema dificuldade em relação à condição física e técnica de Mountain Bike, geralmente praticadas por atletas.

Fonte: mural de aventuras(12/2010)

6.1.4 Áreas de risco

O percurso é realizado em sua maior parte em estradas de terra com trânsito intenso de veículos, essas caracterizam como sendo áreas de risco e requerem uma atenção redobrada ao serem cruzadas, nelas tem-se a visão de cerca de 200 a 300 metros de visão do trânsito para os dois sentidos, no entanto, pode haver poeira levantada pelos automóveis dificultando a visão.

Também foi identificada como área de risco quando o percurso adentra trilhas (Figura 18,19) onde em alguns pontos da trilha sofre processo de erosão, além de pedras escorregadias que aumentam os riscos de quedas.

Em alguns trechos do percurso a estrada encontra-se em mal estado de conservação, com pedras soltas e escorregadias e também pontos com lama são encontrados, e requerem atenção do cicloturista, pois o piso é escorregadio e pode ocorrer uma queda ou um deslize, como visto na figura 20.



Figura 18 Trilha final do percurso de cicloturismo, chegada a RPPN Ninho do Corvo

Fonte: O autor



Figura 19 Pedras escorregadias- área de risco - Percurso de cicloturismo da RPPN Ninho do Corvo - Salto São Sebastião - Prudentópolis-PR - Trilha de chegada a RPPN

Fonte: O autor



Figura 20 ponto com lama devido a passagem de veículosautomotores localizado entre os pontos 6 e 8 da figura 6, considerado - área de risco

Fonte: O autor

6.1.5 Início e término

Foi escolhida a RPPN Ninho do Corvo como sendo os pontos de partida e chegada, pois é um local de fácil identificação e servindo como ponto de referência de onde se inicia o percurso, possui estrutura de vestiários, atividades realizadas com apoio de guias para a interatividade entre a área visitada e turista, servindo como local para comercialização de planilhas do percurso de cicloturismo, assim como as bicicletas, ao terminar o percurso o participante poderá usufruir das atividades ofertadas dentro da reserva como rapel, tirolesa entre outras com valor à combinar.

Esse percurso não possui grande dificuldade física, é composto por estradas que, em sua maioria, em terrenos com declives ou aclives, algumas subidas são de longa distância e íngremes, exigindo maior esforço físico para ser superadas. O percurso pode ser realizado por pessoas sem experiência em percorrer trilhas de bicicleta.

A realização do percurso de cicloturismo no entorno da referida unidade de conservação pode ser realizado de forma autoguiada ou, com acompanhamento de guia encontrado na mesma. A inserção de placas confeccionadas em madeira e pintadas com cores que não agridam o conjunto paisagístico do meio rural, contendo informações sobre a distância já percorrida e os pontos de interesse do percurso a ser seguido serão instaladas nos pontos onde haja bifurcações.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os saltos São Sebastião e Mlot, principais atrativos explorados no percurso, são um convite às pessoas de qualquer idade esticarem as pernas em um passeio de bicicleta, em meio à mata verde de araucárias e varias propriedades rurais. Os saltos ficam na propriedade de Dona Luiza e Seu Demétrio, a região foi colonizada principalmente por famílias ucranianas e polonesas.

Através deste trabalho, foi efetuado o croqui do percurso para melhor identificação e visualização dos principais atrativos encontrados na Linha Paraná, seguindo pela Linha São Sebastião e levantar potencialidade para implantação do cicloturismo na área.

Ressalta-se que, para se proporcionar um produto turístico de qualidade e seguro para seus condutores e praticantes, deve-se atender aos critérios de segurança apresentados nas normas da ABNT (Associação de Normas Técnicas) e ABETA (Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura), sendo imprescindíveis ações que garantam a sustentabilidade aliada a uma nova perspectiva de atividade que é o cicloturismo.

Devido ao acidentado relevo a potencialidade para a atividade do cicloturismo fica prejudicada, exigindo mais do condicionamento físico do praticante, porém, a região de Prudentópolis oferece a visualização da Escarpa da Esperança, Serra da Rita e a Serra da Barra Grande e diversos morros, onde se formam corredeiras e cachoeiras, atrativos turísticos da região.

Além das estradas rurais, foram mapeadas as trilhas para indicações de trajeto, estabelecendo pontos de interesse para melhor visualização de pontos estratégicos dos atrativos/estruturas, distância entre os próximos pontos e observações gerais.

A inclusão de placas informativas no percurso não foi possível devido falta de recursos, mas, espera-se que o trabalho auxilie na implantação da modalidade do cicloturismo na região, fortalecendo a visitação em áreas naturais pouco exploradas, causando o mínimo impacto negativo possível e incentivando a participação de diferentes classes sociais a praticar atividades físicas utilizando a bicicleta como meio de transporte.

O percurso apresentado é seguro, de fácil identificação e compreensão dos itinerários sugeridos através de representações cartográficas (mapas e planilhas),

que apresentem as características de destaque nas áreas rurais e naturais, onde o percurso pode ser realizado por pessoas sem experiência em percorrer trilhas de bicicleta, estando o croqui disponível através do endereço eletrônico **<https://maps.google.com.br/maps?hl=pt-BR&tab=wl>**.

Portanto, através do levantamento dos dados nota-se que o cicloturismo na região é viável, apresentando baixo custo de implementação e operação, ficando de acordo com os princípios do ecoturismo, em que a preservação, a interação e a contemplação, estão em sintonia.

8 REFERÊNCIAS

AMARAL, Maria Cristina do. **O desafio da adventure sports fair: e o turismo de aventura no Brasil.** In: UVINHA, Ricardo Ricci. (org.) Turismo de aventura: reflexões e tendências. São Paulo: Aleph, 2005.

BENI, M. C. **Análise estrutural do turismo.** 5ª ed. São Paulo: SENAC, 2001.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Normas Técnicas: **ABNT NBR 15500 Normas para o desenvolvimento do turismo no Brasil**, 2007 Disponível em: <http://www.abnt.org.com.br.pdf> Acessado em: 07 março de 2013.

BRASIL, Instituto brasileiro de normas técnicas. **NBR 15509-1 Documentos do Projeto de Normatização e Certificação em Turismo de Aventura: Cicloturismo Parte 1 Requisitos para o produto.** Sede da ABNT Rio de Janeiro 2007.

BRASIL, Instituto brasileiro de normas técnicas. **NBR ISO 14001 Sistema de Gestão Ambiental Definições** de impacto ambiental. Sede da ABNT Rio de Janeiro 2007.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Turismo. **Manual de ecoturismo.** Brasília, maio 1994. NBR ISO 14001

BRASIL, Ministério do Meio Ambiente; Salvati, Sérgio Salazar. Ambiente Ecoturismo: **Impactos do Ecoturismo**; disponível em <http://ambientes.ambientebrasil.com.br/ecoturismo/artigos/impactos_do_ecoturismo.html> acessado em 12/05/2013.

BRASIL, **Plano de Desenvolvimento Sustentável do Turismo de Aventura.** Caeté, abr. 2001.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Relatório Diagnóstico de Regulamentação, Normalização e Certificação em Turismo de Aventura**, 2005.

Brites, R. S., Soares, V. P., Costa, T. C. C., Neto, A. S. **Geoprocessamento e Meio Ambiente.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ENGENHARIA AGRÍCOLA, 27, 1998, Poços de Caldas/MG. Cartografia, Sensoriamento e Geoprocessamento. Poços de Caldas, Anais. Poços de Caldas. UFLA/SBEA, 1998. p. 141-163.

CÂNDIDO, Luciane Aparecida. **Turismo em áreas naturais protegidas.** Caxias do Sul: Educs, 2003

Clubedecicloturismo. **Manual de Circuitos de Cicloturismo**, disponível em <http://www.clubedecicloturismo.com.br/> acessado em 11 de janeiro de 2013

CONTI, José Bueno. **Ecoturismo: Paisagem e Geografia.** In: RODRIGUES, Adyr Balastri. (org.) Ecoturismo no Brasil: possibilidades e limites. São Paulo: Contexto, 2003

CORIOLOANO, T.; MENEZES, L. N.; **O ecoturismo e os hóspedes da natureza**. In: BARRETO, M.; TAMININI, E. (orgs.) Redescobrimo a ecologia no turismo. Caxias do Sul: Educs, 2002.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Introdução à geografia do turismo**. 2ºed. São Paulo: Roca, 2003.

CTB/IPHAN (Org.). **Guia Brasileiro de Sinalização Turística**. Brasil, 2009.

Disponível em:

<<http://institucional.turismo.gov.br/sinalizacao/conteudo/principal.html>>. Acesso em: 02 de junho de 2013

DIAS, A. **Para viajar de bicicleta** (2003). Disponível em:

<http://www.webventure.com.br/bike/conteudo/noticias/index/id/10569> - Acesso em: 21/01/2013

DIAS, Reinaldo. **Introdução ao turismo**. São Paulo, SP: Atlas, 2005

DUQUE, R. C.; MENDES, C. L. **O planejamento turístico e a Cartografia**.

Campinas: Alínea, 2006.

EMBRATUR. **Glossário do turismo**. Disponível em:

http://www.dadosefatos.turismo.gov.br/dadosefatos/espaco_academico/glossario/detalhe/T.html. Acesso em 22 de Abril de 2012

FARAH, Soraia Diniz. **Políticas de incentivo ao turismo de aventura no Brasil: o papel do Ministério do turismo**. In: UVINHA, Ricardo Ricci. (org.) Turismo de aventura: reflexões e tendências. São Paulo: Aleph, 2005

FENNELL, David A; tradução Inês Lohbauer. **Ecoturismo**. São Paulo: contexto, 2002 – Coleção Turismo Contexto.

GOOGLE. Cicloturismo. ABETA. Ecoturismo - Atividades Turismo de Aventura, <http://www.abeta.tur.br/pt-br/atv-cicloturismo.asp> > ABNT NBR 15509-1 – Cicloturismo – Parte 1: Requisitos para produto > acessado em 05 de janeiro de 2013.

GUERRERO, Ana Lúcia de Araujo; FIORI, Sérgio Ricardo. **A cartografia como elemento no turismo de aventura**. In: UVINHA, Ricardo Ricci. (org.) Turismo de aventura: reflexões e tendências. São Paulo: Aleph, 2005.

INSTITUTO, EcoBrasil. **Ecoturismo** – Turismo Sustentável. Manaus, disponível em <http://www.ecobrasil.org.br/publique/media/acordo_de_mohonk.pdf>. Acesso 24 de maio de 2013

IPARDES, Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social; **Cadernos estatísticos**; disponível em<www.ipardes.gov.br/> acessado em 11 de janeiro de 2013

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. **A leviana territorialidade dos esportes de aventura**: um desafio à gestão do ecoturismo. In: MARINHO, Alcyane (org.); BRUHNS, Heloisa Turini (org.). Turismo, Lazer e natureza. Barueri, SP: Manoele, 2003.

JOLY, F. **A cartografia**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1990

KRIPPENDORF, J; **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.1989

LARRY, LECHNER. **Planejamento, Implantação e Manejo de Trilhas em Unidades de Conservação**. Cadernos da Conservação, Fundação O Boticário de Proteção à Natureza; Curitiba, 2006

LEMES, Pedro H. S. **Turismo Comunitário e Populações Tradicionais**: O Caso Do Faxinal Barra Bonita No Município De Prudentópolis – PR (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2009.

MACHADO, Álvaro. **Ecoturismo: um produto viável a experiência do Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2005. 232p.

MARINHO, Alcyane. **Da aceleração ao pânico de não fazer nada**: corpos aventureiros como possibilidades de resistência. In: MARINHO, Alcyane (org.); BRUHNS, Heloisa Turini (org.). Turismo, Lazer e natureza. Barueri, SP: Manoele, 2003

MARTINELLI, Marcelo. **Mapas da Geografia e Cartografia Temática**. Contexto. São Paulo, 2003.

OLIVEIRA, A. P. **Turismo e Desenvolvimento**: Planejamento e Organização. São Paulo, Atlas, 2003, 3 ed.

PAUPITZ, A. **Perfil do cicloturista brasileiro** (2008). Disponível em: <<http://www.clubedecicloturismo.com.br/artigos/080301pesquisa/pesquisa.htm>> Acesso em: 21/02/2013

PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. **Lazer e natureza no turismo rural**. In: MARINHO, Alcyane (org.); BRUHNS, Heloisa Turini (org.). Turismo, Lazer e natureza. Barueri, SP: Manoele, 2003

PREFEITURA MUNICIPAL DE PRUDENTÓPOLIS. Disponível em: <www.prudentopolis.pr.gov.br/> acessado em 11 de janeiro de 2013

ROLDAN, Thierry Roland. **Cicloturismo**: planejamento e treinamento. Campinas: Faculdade de Educação Física – UNICAMP, 2000. 43p. (Monografia, Bacharelado em Educação Física, modalidade Treinamento em Esportes).

RUSCHMANN, Doris Van de Meene. **Turismo e planejamento sustentável**: A proteção do meio ambiente. Campinas, SP: Papirus, 1997.

RUSCHMANN, Doris van de Meene. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. Campinas: Papirus, 2003

SALES, Fabiano, et. al. Utilização de Técnicas de Geoprocessamento no Diagnóstico e Zoneamento da Densidade Visual da Paisagem da Microbacia do Córrego da Goiabeira -Município de Ewbank da Câmara– MG, como Forma Dinamizadora do Planejamento Turístico Rural. In: **VI Congresso Brasileiro de Geógrafos**, 2004, Goiânia. Setenta Anos da AGB: As Transformações do Espaço e a Geografia do Século XXI, Goiânia, 2004.

SANTOS, Roseli Ferreira dos. **Planejamento ambiental: teoria e prática**. São Paulo: Oficina de textos, 2004.

SERRANO, Célia; BRUNS, Heloísa T. (orgs.) **Viajem à natureza: turismo, cultura e ambiente**. Campinas: Papirus, 1997.

SILVA, Edna Lúcia, MENEZES, Estera Muzkat, **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. Florianópolis: UFSC, 2001.

TRILHAS E AVENTURAS. Disponível em <<http://www.trilhaseaventuras.com.br>> acessado em 20 de março de 2013

TURISMOPELOBRASIL; disponível

em:<www.turismopelobrasil.net/cidade=PrudentopolisPR=IgrejaTransfiguraçãoNossoSenhoresusCristo> acessado em 11 de janeiro de 2013

UVINHA, Ricardo R. (Org.) **Turismo de aventura: reflexões e tendências**. São Paulo: Aleph, 2005 – (Série turismo)

WALLACE, George N. **Administração do visitante: Lições do Parque Nacional de Galápagos**. Ecoturismo: Um guia para planejamento e gestão. São Paulo. Senac, 1995.

WEARING, S; NEIL, J. **Ecoturismo: Impactos, potencialidades e possibilidades**. Barueri: Manole, 2001.